



A UMBANDA

QUE A GENTE TOCA LÁ EM CASA

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO
INCORPORAÇÃO E MEDIUNIDADE

2ª EDIÇÃO



casade
mãeiemanja
TEMPLO DE UMBANDA



A MORTE NA CULTURA AFRICANA

Em nossa sociedade, a morte e o medo da mesma fazem parte do cotidiano das pessoas, entretanto esse medo se torna contraditório quando analisamos o comportamento do ser social. A cada dia caminhamos para desafios ainda maiores na questão global: a guerra, a fome, a destruição do ecossistema são só algumas das **heranças que fatalmente iremos deixar para as gerações futuras**. Além disso, a falta de cuidado pessoal tem mostrado suas consequências: obesidade, stress, envelhecimento precoce, sedentarismo, a lista é infinita. E ainda assim, queremos descobrir o segredo da imortalidade.

Em verdade, não é apenas o final da vida na matéria que tememos, afinal como umbandistas que somos, esse medo seria infundado, **acreditamos que nossa essência não irá se apagar no momento do desencarne. Tememos que sejamos esquecidos**, que tenhamos passado por essa encarnação sem deixar nada de nós para a posteridade e nisso, compartilhamos o mesmo medo, pois, entendo que morrer é ser esquecido, seja na vida ou depois dela.

Segundo Bandeira (2010), **na cultura africana, o morrer com idade avançada e ter um funeral digno, com muita festa, são sinônimos de uma boa morte**. Para os povos lorubá, Fon, Bantu, assim como para outras nações africanas, a morte em si não é o fim, mas um momento de vivo contentamento, pois é **o momento de encontro da pessoa com seus ancestrais**. Diferentes culturas e sociedades possuem concepções próprias do tempo, dos fatos acontecidos, do transcurso da vida e da morte. **As sociedades de cultura mítica têm uma noção de tempo circular, acreditando que a vida é uma eterna repetição do que já aconteceu num passado remoto** narrado pelo mito.

A chegada da morte é um momento extremamente importante na cultura iorubá. **Os iorubás acreditavam que, ao morrer, o espírito seria conduzido por Oya para um dos nove espaços siderais (Òrun)**. Por isso, os mortos eram muito bem cuidados, de modo a não passar vergonha quando chegasse ao Òrun.



A morte inesperada ou prematura de um jovem era encarada com tristeza. Seu espírito era invocado para que pudesse explicar o motivo do desenlace: se por opção, punição ou trabalho feito por algum eventual inimigo. Já se a morte fosse de um ancião que teve uma vivência honrada e próspera, todos comemoravam.

Para entender a ideia de morte para as religiões de matriz africana teremos que nos desapegar de duas ideias muito profundas em nossa educação e sociedade: o conceito de tempo e o cristianismo, afinal os Orixás estão profundamente ligados a uma cosmogonia e mitologia completamente diferente da concepção europeia que nos acompanha nos anos escolares.

Ainda segundo Bandeira (2010), as religiões afro-brasileiras, constituídas a partir de tradições africanas, tem uma noção de tempo ligada à noção de vida e morte.

A morte é percebida pelos afro-brasileiros, incluindo os membros da Casa de Mãe Iemanjá, como outra modalidade da vida. Entendemos que com a morte, nos encontramos com os outros membros dos grupos de espíritos que criaram algum tipo de laço conosco durante as muitas vidas que tivemos em nosso trajeto evolutivo. Além disso, por sermos parte de uma comunidade religiosa e que prega a evolução conjunta, ainda após o desencarne, temos o compromisso de protegermos os irmãos que ainda estão no plano físico. Por essa razão, a despedida dos mortos valoriza os exemplos deixados por eles como uma lição de aprendizagem e um meio de proteção aos que ainda não viveram as mesmas experiências daqueles que partiram.

Por ser uma fase, uma etapa do caminho evolutivo de todo ser humano, após os devidos rituais a serem realizados, os membros da Casa de Mãe Iemanjá vivenciam o luto, que é coletivo, mas não sofrido. Este é um momento em que nós pedimos a proteção aos Orixás e Entidades que farão o acompanhamento do desenlace desse filho, buscando em pensamento que o evolutivo desse espírito recém-desencarnado seja atingido para que os nossos irmãos, que estão de passagem para esse outro ciclo da vida possam atuar no plano espiritual protegendo e alimentando o axé do terreiro. No entanto, é um processo que começa com a morte e é eterno, no sentido de que aquele membro ficará no coração e na mente das pessoas.

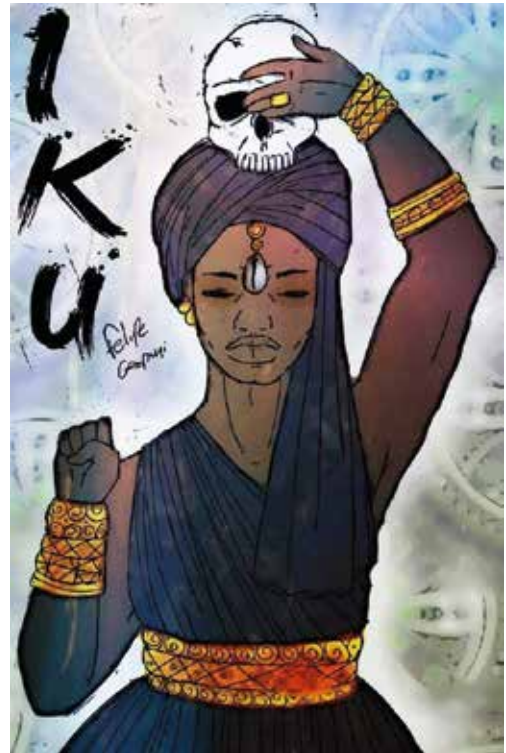
Nos dias de luto que são determinados pelo patrono do ilê e podem variar entre 7, 14, 21 ou 28 dias, o terreiro permanece fechado, em respeito ao irmão que partiu. Nesse momento, as atividades realizadas na casa são de caráter interno e voltadas ao evolutivo e gratidão pela vida da pessoa que morreu.

Em nada esse processo se assemelha ao luto vivido no cristianismo. Ao contrário, a casa retorna em grande festa com a certeza de que está ainda mais fortalecida, protegida e que poderemos carregar conosco o axé desse filho de Martim por todos os dias, enquanto a casa existir.

Para os Nagôs, a morte não significa absolutamente a extinção total, ou aniquilamento. Morrer é uma mudança de estado, de plano de existência e de status. Faz

parte da dinâmica do sistema que inclui, evidentemente, a dinâmica social. Sabe-se perfeitamente que Ikú deverá devolver a Ìyá-nlá, a terra, a porção símbolo de matéria de origem na qual cada indivíduo fora encarnado; mas **cada criatura ao nascer traz consigo seu orí, seu destino. Trata-se, portanto, de assegurar que este se desenvolva e se cumpra.** Isso é válido tanto para um ser, uma entidade (uma família, um “terreiro” etc.) quanto para o sistema como uma totalidade. A imortalidade, ou seja, o eterno renascimento, de um plano da existência a outro, deve ser assegurado e para isso é preciso cuidar do Ori.

O ser que completou com sucesso a totalidade de seu destino está maduro para a morte. Quando passa do àiyé para o òrun, tendo sido celebrados os rituais pertinentes, transformam-se automaticamente em ancestral, respeitado e venerado e poderá inclusive ser invocado como Égún.



A morte prematura de um ser, que não alcançou a realização de seu destino, é considerada anormal, resultando de um castigo por infração grave em seu relacionamento com as entidades sobrenaturais.

No momento em que o ser humano expira, seu èmi (sopro divino), seu princípio de existência genérica, desprende-se do corpo e retorna ao Orum. A respiração que constitui o èmi reintegra-se assim na massa de ar que lhe deu origem. Algumas histórias contam que os èmi, imperecíveis, se acumulam numa certa região do Orum para corporizar-se em novos indivíduos.

Uma vez enterrado, o corpo se decompõe, suas partes úmidas reintegram-se nas águas contidas na terra, sua carne e suas partes obscuras são absorvidas pela terra e suas partes brancas integram o giz. O corpo se transforma e passa a integrar os elementos genéricos ou princípios fundamentais representados pelo branco, o vermelho e o preto.

No entanto, quando falamos em morte, um questionamento nos vem: a morte sempre existiu ou foi criada? Qual a origem da morte nas religiões afro-brasileiras? E para responder a estes questionamentos recorreremos aos itans, afinal, por se tratar de uma tradição oral, será neles que encontraremos a sabedoria necessária para responder a esse questionamento.

A reencarnação era considerada fundamental para que fossem alcançados os elementos que um dia poderiam tornar aquele ser humano um ancestral honrado e importante (um esá): o resgate, o arrependimento, o perdão e, com isso, alcançar a salvação.

Para os iorubás, o mundo terrestre é o melhor lugar para viver. Os familiares desejam que seus mortos reencarnem o mais depressa possível e, de preferência, no mesmo clã.



IKU: O ORIXÁ MORTE



Ikú, para os iorubás, é uma divindade masculina. Veste-se de negro, pois esta é mesma a cor do Odù que lhe dá caminho, Òyèkú Méji. Este odu simboliza o esgotamento da matéria. Ikú é um guerreiro e, também, um dos irùnmolè (espíritos sagrados) do lado esquerdo. É uma divindade que não se fixa em nenhum lugar. Gira em torno do mundo para realizar sua tarefa.

Ikú é considerado por Olorum como o Orixá mais fiel, pois é o único que jamais deixa de cumprir integralmente sua missão, percorrendo todo o Aiyê sem cansar, à procura de todos os seres vivos, sem distinção entre ricos e pobres, novos e velhos, machos e fêmeas, belos ou feios, fortes ou fracos, sábios ou ignorantes. Todos, um dia, sempre serão encontrados e montados por Ikú. Para os nagôs, Ikú é o único Òrìsà que “tomará a cabeça de todos” (irá incorporar) os seres humanos. Contudo, Ikú trabalha só e apenas usa como critério as ordens de Olodumaré.

Embora ninguém consiga evitar a vinda de Ikú, ele não é invencível. Todos sobrevivem à morte e podem tornar-se imortais na memória dos que o amam, pelos

seus feitos positivos em vida e no **ipòri**¹ de seus descendentes. E, ainda que Ikú ceife a vida, só ele pode abrir caminho para uma nova existência. A reencarnação só advém após a morte. *E, se o fim da vida encerra um ciclo, imediatamente reabre a possibilidade do início de outro, com a vida posterior.*

Èjì Ogbè (o Odù da vida) e Òyèkú Méjì (o signo do fim da matéria) se contrapõem e se complementam, como tudo na harmonia da natureza plena.



ITAN: OBATALÁ CRIA IKU, A MORTE

Quando o mundo foi criado, coube a Obatalá a criação do homem. O homem foi criado e povoou a Terra. Cada natureza da Terra, cada mistério e segredo, foi tudo governado pelos Orixás e com atenção e oferenda aos orixás, tudo o homem conquistava.

Por suas conquistas os seres humanos começaram a se imaginar com os poderes que eram próprios dos Orixás e por isso, os homens deixaram de alimentar as divindades.

Os homens, imortais que eram, pensavam em si mesmos como deuses, não precisavam de outros deuses.

Cansado dos desmandos dos humanos, a quem criara na origem do mundo, Obatalá decidiu viver com os Orixás no espaço sagrado que fica entre o Aiê, a Terra, e o Orum, o Céu.

Por ver toda a arrogância do homem, Obatalá decidiu que os homens deveriam morrer; Cada um num certo tempo, numa certa hora. Certo de sua vontade Obatalá criou Iku, a Morte e a encarregou de fazer morrer todos os humanos.

Obatalá impôs, contudo, à morte Iku uma condição: só Olodumare podia decidir a hora de morrer de cada homem. Por isso, a Morte leva, mas a Morte não decide a hora de morrer. O mistério maior pertence exclusivamente a Olorum.

Nos itans, Ikú é filho de Odudua com Obatalá, tendo existência e axé independentes. É considerada uma divindade dúbia, estando ligada ao fim da existência e também à criação, pois forneceu a Obatalá a lama que usou para a confecção de novos moradores do Aiyê. É a única divindade que um dia “tomará” posse da cabeça de todos os seres humanos, carregando na mão direita o kumón, um poderoso e perigoso cetro, fabricado em metal, ferramenta indispensável e auxiliar no cumprimento de suas funções.



NOTAS:

01. Ipòri na cosmologia Yorubá, é um dos elementos da alma, simboliza a energia ancestral ligada a nossa cabeça (Ori), ao nosso ancestral (Eledá) e nosso destino (Odu). É um conceito que une os homens em uma cadeia global, relaciona-se com a placenta e à origem da vida. Pensando nesse conceito a performance, relaciona a água como elemento em conexão com a vida, a fertilidade, a ancestralidade, a travessia atlântica e a diáspora numa aliança com Osun em sua floresta sagrada na Nigéria.



OS RITUAIS FÚNEBRES

A morte não é um fato aceito dentro da cultura africana, pois esta etnia concebe a vida e, com a morte, a energia vital é dissipada. Para que isso não aconteça, é necessário energizar aquele que morre, realizar um ritual para preservar a energia vital mesmo após a morte.

Para a Casa de Mãe Iemanjá a morte é muito importante, não só porque é um elo entre os homens e a sua existência, mas também porque é um símbolo de aprendizagem para os vivos. O morto, que viveu uma vida equilibrada quanto umbandista, deixa uma lição, uma herança cultural e material aos seus descendentes no terreiro, tornando-se imortal para a sua comunidade. Portanto, as guias por ele utilizadas ficam expostas durante o ritual fúnebre, representando esse bom exemplo de vida.

A cultura afro-brasileira está repleta de rituais que fazem com que todas as etapas da vida ganhem um significado mais expressivo aos adeptos de religiões que sigam essa matriz. Com a morte, não seria diferente. O axexê é um ritual fúnebre que auxilia na passagem da existência física para a existência espiritual.



ITAN: OIÁ INVENTA O RITO FUNERÁRIO DO AXEXÊ

Vivia em terras de Ketu um caçador chamado Odulecê. Ele era o líder de todos os caçadores.

Odulecê tomou por sua filha uma menina nascida em Irá, que por seus modos espertos e ligeiros era conhecida por Oiá.

Oiá tornou-se logo a predileta do velho caçador, conquistando um lugar de destaque naquele povo. Mas um dia a morte levou Odulecê, deixando Oiá muito triste. A jovem pensou numa forma de homenagear o seu pai adotivo.

Reuniu todos os instrumentos de caça de Odulecê e enrolou-os num pano. Também preparou todas as iguarias que ele tanto gostava de saborear. Dançou e cantou por sete dias, espalhando por toda parte, com seu vento, o seu canto, fazendo com que se reunissem no local todos os caçadores da terra.

Na sétima noite, acompanhada dos caçadores, Oiá embrenhou-se mata adentro e depositou ao pé de uma árvore sagrada os pertences de Odulecê. Olorum, que tudo via, emocionou-se com o gesto de Oiá e deu-lhe o poder de ser a guia dos mortos no caminho do Orum. Transformou Odulecê em Orixá e Oiá na mãe dos espaços dos espíritos.



Desde então todo mundo que morre tem seu espírito levado ao Orum por Oiá. Antes, porém, deve ser homenageado por seus entes queridos, numa festa com comidas, cantos e danças. Nasceu assim o funeral ritual do axexê.

No momento da morte, aquele que dedicou seus dias de vida a cultura africanista e nela depositou a sua fé, por um curto período de tempo, contará com a ajuda de alguns Orixás e Voduns que se mesclam com a morte e com a terra, como Oiá, Nanã, Ewá, Obaluaiê, Exu, Oxalá, a fim de que possa melhor compreender sua nova existência. Cabendo a Euá, que com seu saber e conhecimento, ajudar o espírito a fazer sua transposição do Aiyê para o Orum com tranquilidade.



ORUM E AYÊ: DOIS REINOS E UMA VIDA

A cosmo visão religiosa dos cultos mais africanistas é fortemente influenciada pela concepção de mundo na tradição yorubá. Ainda que essa tradição possua uma grande complexidade devido à falta de uniformidade proveniente da tradição oral e também da adaptação vivida para a resistência da cultura africana em terras brasileiras durante o período da escravidão, permitindo assim um grande número de conceitos e interpretações, há uma visão unitária básica da existência que é compartilhada pelos adeptos das religiões de matriz afro-brasileira: a concepção yorubá de que o mundo existe em dois níveis denominados “dublê”, Ayê e Orum.

O Orum e o Ayê não são locais separados existencialmente, mas, formas e possibilidades diferenciadas entre si, que não se opõe uma ao outra, existindo de forma paralela apenas.

Logo, o Ayê não é um nível de existência fora do Orum, mas, um útero que o fecunda e manifesta toda a sua criatividade ilimitada, gerando um equilíbrio. Um não subsiste sem o outro, e desta harmonia depende todo universo e suas formas de vida. A manutenção deste equilíbrio harmônico na natureza e no ser é o objetivo das religiões afro-brasileiras e todos os rituais e conhecimentos nela agregados são formas de alcançar esta estabilidade.

Os itans revelam que, em épocas remotas, o Ayê e o Orum não estavam separados. A existência não se desdobrava em dois níveis e os seres dos dois espaços iam de um a outro sem problemas.

Sobre essa separação são duas as histórias, mantidas vivas pela tradição oral, que contam sobre a criação de Sánmò, o céu atmosfera, consequência da separação do Orum e do Ayê.

Uma delas conta, resumindo, que, no tempo em que o Orum limitava diretamente com o Ayê, um ser humano tocou indevidamente o Orum com mãos sujas. O

que provocou a irritação de Olórun, entidade suprema. Este soprou, interpondo seu òfurufú, ar divino (hálito) que, transformando-se em atmosfera, constituiu o sánmó ou céu.

É comum referir-se à terra como Ayê subentendendo-se que Ilê, a terra, não compreende a totalidade do Ayê e que ao falar-se de Orum, não se trata apenas do céu, mas de todo o espaço sobrenatural.

Olórun, entidade suprema, o + ni + Orum, aquele que é ou possui Orum, não é apenas um deus ligado ao céu como o pretendem certos autores, mas aquele que é ou possui todo o espaço abstrato paralelo ao Ayê, senhor de todos os seres espirituais, das entidades divinas, dos ancestrais de qualquer categoria e dos doubles espirituais de tudo que vive.



O CORAÇÃO DO HOMEM E SUA MORADA NO PÓS-VIDA

Há um lugar definido, fora desta terra, para onde os falecidos vão. Dentro da cultura africana o nome utilizado para este lugar é Orum. Esta é uma palavra da língua iorubá que define, na mitologia iorubá, o céu ou o mundo espiritual. Tudo que existe no Orum coexiste no Ayê através da dupla existência Orum-Ayê, como já citei acima.

Desta forma, Nove Oruns ou Nove Céus (em iorubá: mèsàn orun) são todos espaços abstratos paralelos ao Ayê para a mitologia iorubana. É neste plano espiritual onde Olodumarê, os Orixás e os espíritos habitam.

São muitos os Orixás que de alguma forma participam do momento do desencarne dos homens, dentre eles está Iansã.

Oyá não determina a vida ou a morte do ser humano, sua função limita-se em guiar o espírito desde seu desprendimento do corpo até um dos nove Oruns, de acordo com as orientações e/ou julgamento de Olodumaré.

Para assumir esse “cargo”, Iansã, segundo a mitologia Yoruba, após inúmeras tentativas, convenceu ou conquistou a confiança de Obaluaê, que lhe ensinou a lidar e comandar os Eguns. O nome de Iansã é uma contração de Iya mèsàn orun, ou seja, “mãe dos nove céus”.

Nota-se também, que Oyá é um orixá fundamental para o equilíbrio espiritual, pois é ela quem domina o ERÓ IKU (segredo da morte). Sendo assim, as Oyás do culto GBALÉ ou IGBALÈ, são as que exercem essas características, porém é importante esclarecer que toda IANSÃ possui poder sobre os Eguns (mortos) e Ikú (morte) e que a palavra IGBALÈ significa: – Aquela que varre a terra. Entretanto, as Oyás Igbalè's, exercem tal domínio como característica essencial.

Os habitantes do Orum não necessitam do èmí (a respiração) para sobreviver,

sendo essa a sua principal diferença em relação aos vivos. Se para alguns o Orum está muito próximo da Terra, sendo apenas um plano paralelo, para outros o Orum é muito longe, sendo por isso que o recém-morto tem que adquirir energia, consumido a comida e a bebida oferecidas durante as cerimônias fúnebres, antes da ida para a longa viagem.

Para a Casa de Mãe Iemanjá, os ritos fúnebres são parte do processo de despedida, ainda que breve, daqueles que amamos, mais do que isso, trata-se de uma forma honrosa de agradecer pelos anos de vida dedicados ao Orixá, a Umbanda, a espiritualidade e claro, ao chão e todos que compõe essa família.

Indiferente do local que esteja o Orum (na verdade creio que essa informação não seja possível de absorver por mentes racionais e, portanto, parte de um grande mistério) podemos concluir que: se Olodumaré é a origem desta alma que continua a viver depois da morte, ela forçosamente irá regressar à sua origem.



É de consenso geral entre os autores e sacerdotes que o Orum é dividido em 9 outros espaços para acomodar todos os tipos de espíritos.

Os nove Oruns se separam da seguinte forma: quatro em cima, compondo planos espirituais de paz, que é a parte destinada a Obatalá e quatro em baixo, que são planos de remissão comandados por Oduduá. O quinto espaço é destinado a gente que ainda não sabe indicar o local que fica.



OS NOVE ORUNS

Orun Alààfia: Espaço de muita paz e tranquilidade, reservado para pessoas de temperamento brando, índole pacífica. Bondosas, pacatas.

Orun Funfun: Espaço para os inocentes, espíritos de crianças, de pureza de sentimentos e intenções.

Orun Bàbá Eni: Espaço para os grandes sacerdotes e sacerdotisas, Babalorixás, Yalorixás, Ogans, Ekedes, enfim, espaço para todos os que possuem tempo e

responsabilidade dentro do culto africano ou de matriz africana.

Orun Afèfé: Local de oportunidades, de correção para os espíritos, possibilidades de reencarnação, volta ao Aye (terra).

Orun Ìsolù ou Àsàlù: Local de julgamento por Olodumaré para decidir qual dos respectivos Oruns o espírito será conduzido.

Orun Àpààdì: Reservado para espíritos impossíveis de ser reparados.

Orun Rere: Espaço para aqueles que foram bons durante a vida.

Orun Burukú: Espaço ruim, IBONAN “Quente como pimenta”. Reservado para as pessoas más.

Orun Marè: Espaço para aqueles que permanecem que tem autoridade absoluta sobre tudo que há no ORUN (céu) e no AYÊ (terra); para os absolutamente perfeitos, os supremos em qualidades e feitos. Reservado à Olodumaré e todos os Orixás e divindades.

Alguns dos Oruns relacionados se equivalem pela finalidade que possuem, os mortos são encaminhados a um desses espaços após o fator decisivo do julgamento divino, pois, na realidade, o julgamento ocorre durante todo o tempo de vida da pessoa na terra. As divindades contrárias ao mal acompanham as pessoas em sua vida diária e dão a sua punição.

O juízo final fica a cargo de Olodumaré, decidindo quais são os bons e quais são os maus, e os encaminham para os respectivos Orum. O julgamento é baseado nos atos praticados na terra e devidamente registrados no Orí inú (cabeça espiritual), que retorna para Olódùmarè. A maneira como é feito julgamento pode ser entendida através do seguinte provérbio: “Todas as coisas que fazemos na terra, damos conta de joelhos no céu”.



Somente quando se é absolvido por Olodumaré é que se tem a oportunidade de reunir-se com seus ancestrais, podendo-se reencarnar e renascer dentro da mesma família.

Se alguém, porém é condenado vai para o Orum Àpáàdi, onde irá sofrer com os maus. Quando finalmente for libertado, não terá oportunidade de viver uma vida normal e será condenado a errar, por lugares solitários, comendo alimentos intragáveis.



ORI: UMA DIVINDADE AFRICANA

Segundo Jagum (2015), a cabeça do ser humano é a sede dos sentidos, da inteligência, da memória, do consciente e do inconsciente. É a cabeça que nos move e governa. Sua capacidade intelectual, seu controle emocional e sua tendência à solidariedade ou ao egoísmo traçam o perfil do ser humano, determinando o escopo da personalidade. Conseqüentemente, o homem que fizer boas ou más escolhas, que for afável ou desagradável, que possuir maior ou menor capacidade de se relacionar terá um destino mais ou menos feliz. Logo, é nossa própria cabeça que concentra todos os maiores segredos e decisões sobre o futuro. Enquanto o homem busca essas respostas há milênios em fatores externos, carrega todas as soluções em si próprio, por onde andam sem se dar conta do tesouro que possui.

A cabeça de uma mesma pessoa muda durante a sua existência. Não raro, com o passar dos anos, nós nos damos conta de que temos concepções variadas sobre certos temas. Encaramos as mesmas situações de maneiras diversas. Tornamo-nos, então, diferentes, à medida que “nossa cabeça muda”. Um homem pode ser são no início de sua vida e tornar-se doente mental devido a traumas emocionais ou físicos. A cabeça de um ser humano é capaz de imprimir as mais variadas e incríveis modificações na vida e no corpo dos homens.

Após a morte, a cabeça também continua a funcionar. Não exercendo influências na matéria inerte, mas movendo o espírito, vocacionando as ações daquele ente que se tornou imaterial. A cabeça não morre. Mesmo ceifada a vida, a cabeça do homem é capaz de pensar e de escolher, de amar e de odiar. Os sentidos agora são puramente imateriais. O desejo, a saudade, a pena e a amizade são ainda controladas pela cabeça depois que o corpo perece. Portanto, inteligência, consciência, vida e sabedoria são diferenciais das cabeças. São elementos que lapidam a individualidade de cada ser, em cada momento de sua existência material e imaterial, e o tornam capaz de ser diferente.

Por toda a significância metafórica que a cabeça possui, por toda a capacidade de criar, de realizar, de perceber, e também por ter a cabeça a capacidade de sobreviver à morte, os iorubás compreenderam nesta parte do corpo humano um componente

muito especial, fabuloso, divino. A cabeça então, tornou-se divinizada e passou a ser elemento de culto.

Os iorubás reconheciam Ori como um dos deuses do seu panteão. De fato, num certo sentido, Ori pode ser considerado como o deus mais importante sobre todos os outros (exceto Olodumare). O Ori de todo ser humano é reconhecido como seu deus pessoal, do qual se espera que seja mais preocupado com seus interesses, muito mais que os outros deuses que são considerados como pertencentes a todos. Como um deus, Ori é cultuado e propiciado pelos iorubás, e os deuses, eles mesmos têm seu próprio Ori, dirigindo seus afazeres diários da vida.

Para os iorubás, a cabeça é uma divindade assim como as outras referenciadas nas religiões de matriz africana: Ogum, Omolu, Oya, Oxum etc. Ori é uma divindade individualizada, devendo ser alimentada, cuidada e agradada, a fim de que seu portador possa ter um bom futuro, calma, paz etc.

Portanto, enquanto o Orixá possui milhares de filhos, Ori só possui um: aquele ser que o carrega física e espiritualmente. A partir daí, constrói-se uma relação diferente entre o homem e o Ori. São mais íntimos, mais próximos e interligados não apenas no âmbito espiritual, mas também e, sobretudo, no aspecto físico/fisiológico.

Apenas o Ori tem o condão de levar o homem ao seu destino pleno.

Para os cultos africanistas a temporalidade, é também singular. É diferente da noção de espaço e de tempo ocidental, consoante a qual a visão é linear com começo, meio e fim. Na cultura iorubá, a relação com o tempo é sincrônica. Os acontecimentos se desenvolvem simultaneamente em espaços distintos. Os fatores se sucedem paralelamente no mundo onde se encontram seus ancestrais, no qual há o duplo etéreo dos indivíduos.

A ancestralidade é fortíssima. Ela dá ao iorubano a noção de que este carrega consigo seus ancestrais, tanto na genética como na espiritualidade. A religiosidade iorubana gira em torno do culto aos ancestrais. Para parte dos cultos afro-brasileiros os ancestrais mortos podem se tornar deuses e, assim, agir e interagir com os vivos. A morte não os afasta, mas põe em outra dimensão, unindo-os aos vivos em outro plano: agora como divindades e seus adeptos.

A ancestralidade é um elo que ata o homem que vive hoje, no presente, aos seus ascendentes mais remotos, no passado. E estes conseguem conviver, unidos e solidários durante os cultos e rituais, onde dançam e celebram no mesmo espaço e no mesmo momento.

O transe é um momento mágico em que pas-



sado e presente ocupam um único campo físico: o campo do homem; e ali, unidos, enredam as condições para o futuro. Mais uma vez a noção peculiar de tempo na cultura iorubá permite esta composição poética entre os seres e os seus antepassados divinizados.

Como verdadeira obra de arte, dotada de todo subjetivismo e singularidade, **não há para os iorubanos dois Oris iguais**. Não poderia obviamente Ajalá, o criador/moderador das cabeças, artista divino encarregado diretamente por Olórun, copiar duas cabeças iguais. Não há molde. Os Orí são manuseados e esculpidos um a um. Assim, não se repetem na íntegra as personalidades, os gostos, os anseios, os desejos, as histórias de cada indivíduo sobre a face da Terra. **Olódùmarè nos deu a vida soprando seu hálito sagrado (èmí), mas, a partir de então a vida é nossa, assim como a responsabilidade de conduzi-la.**

O local de onde Ajalá retira a massa para esculpir as cabeças é repleto da herança de nossos antepassados. Novamente, observa-se o componente da ancestralidade como traço de heranças que o Orí carrega, assim como o respeito, a gratidão aos que vieram antes, justificando a veneração aos ascendentes no culto iorubá.

Divinizar a cabeça é respeitá-la, cuidá-la, reverenciá-la, torná-la sua orientadora. Elevada à condição de divindade, Orí exerce o papel de direcionar o homem, e não de se perder junto com ele. Considerando Orí um deus, podemos pedir à nossa cabeça o que queremos alcançar, assim como rogamos às demais divindades.



ITAN: AJALÁ E A CRIAÇÃO DAS CABEÇAS

Ajalá foi incumbido de modelar as cabeças humanas com a lama do fundo dos rios, e outros elementos da natureza. Ele moldava as cabeças e as assava em seu forno. Depois que Ajalá terminava de fazer os orí, Obatalá soprava neles o seu emi e lhes dava vida.

Entretanto Ajalá tinha o hábito de se embriagar enquanto cozia o barro, e criou muitas cabeças defeituosas, queimando algumas e deixando outras com o barro cru.

A causa dos problemas que muitas pessoas apresentam antes da iniciação seria exatamente um orí cru, queimado, ou mal proporcionado, devido a uma bebedeira de Baba Ajalá.

No princípio dos tempos da criação, Oduduá havia criado a Terra, Oxalá havia criado o homem, seus braços, pernas, seu corpo, Olorúm lhe insuflou o èmí (respiração divina), a vida. Mas Oxalá havia se esquecido da cabeça. Oxalá não fez a cabeça do Homem.

Então Olorum pediu à Ajalá, o oleiro divino, para confeccioná-la. Ajalá quando foi confeccionar Orí pediu a ajuda de Odú, e assim todos os Odús ajudaram à Ajalá a confeccionar Orí. E assim nasceu Orí.



ENTENDO A RELAÇÃO ENTRE: ORI, ORIXÁS E OS HOMENS



O NASCIMENTO DO ORI

Antigamente os orixás e ancestrais se rebelaram, querendo ter os poderes e a sabedoria do deus supremo. Como mensageiro nomearam Exu, que levou as reivindicações a Olodumaré. Este lhes enviou um poderoso obi e, orientado por Ifá, determinou que após deixá-lo a noite inteira numa encruzilhada, os orixás e ancestrais deveriam tentar parti-lo para mostrar seu poder.

Ori era apenas uma pequena bola, que não possuía sequer um corpo para se apoiar, e ninguém o respeitava. Para conseguir partir o obi, procurou Ifá, que o aconselhou a fazer uma oferenda para os odu, para conseguir a força de todos eles. Além disso deveria espojar-se na poeira do chão por algumas horas.

No dia seguinte todos já estavam preparados para tentar partir o obi, quando chegou Ori, espojando-se na poeira. Um a um os Orixás foram fracassando na tentativa, pois o obi era muito forte e resistente. Ori se apresentou e, como última opção, deixaram-no tentar. Com seu peso caiu sobre o obi, que se partiu em seis gomos. Todos ficaram muito felizes.

Olodumaré, ao receber a notícia, imediatamente enviou uma linda almofada, onde Ori se instalou. Dessa forma Ori ganhou um corpo para sustentá-lo. Orixás e ancestrais exclamaram: Ori apere!

A partir desse momento, Ori nasceu. Passou a ser dotado da existência, dada por Olodumaré, como prêmio por ter sido o único a conseguir partir o fruto-ventre. **Orí é composto da matéria divina dos Odús**, misturados em quantidade e organizados segundo a sabedoria de Ajalá a pedido de Olórúm. Do material (òkè ìpònrí) que Ajalá utiliza para confeccionar Ori se constitui èwò (tabu) para quem possuir esse Ori. E assim se determina as interdições alimentares dos indivíduos, pois, comer do próprio material de que foi constituído, caracteriza ofensa séria à matriz da qual foi criado.

Todo o homem quando vai para o Aiyê, invariavelmente, deve passar na oficina de Ajalá e escolher o seu Orí. Esta escolha se chama Kàdàrà, oportunidade e circunstância, e ao fazê-la, está determinando sua natureza e destino.

Este momento ocorre da seguinte forma: A alma se ajoelha diante dos pés de Olorum (O Criador) e então lhe faz um pedido – Àkùnlé yàn – pedido esse que estará relacionando ao seu desejo de crescimento moral e espiritual. Então Olorum lhe fixa o destino – Àyàn mó Ipín - que Orí deverá seguir, em que geralmente atende aos desejos do próprio Olorum e às necessidades das restituições que Orí deve cumprir. E então recebe – Àkùn légbà – as circunstâncias que possibilitarão os acontecimentos, geralmente ligado às questões de tempo/espaço, meio e todo o entorno necessário ao melhor cumprimento do destino.

Afirma compromisso com o seu ancestral e tutor espiritual (Orixá). Afirma compromisso com o Bábá Egún (Pai espírito) responsável pelo ìpònrí ancestral terreno que formou o seu corpo material, e que zela pelo desenvolvimento da família a que Orí fará parte. Todos os contratos são firmados e/ou reafirmados diante de Olorum e de Orumilá, e o destino se lhe vai fixando.

Então Orí se dirige à Àkàsò (a fronteira entre Orúm-plano espiritual, e Aiyé-plano físico) e pede passagem à Oníbodè (o porteiro), que lhe interrogará o que fará no Aiyé, Orí lhe contará e mais uma vez se fixará nele o seu destino.

Orí então descerá e ocupará o seu lugar no Orí do corpo criado, através da chamada “moleira”, abertura no crânio do bebê que irá se fechando conforme se desenvolve ao longo dos anos, onde se dá a “armadilha para Orí”, uma vez encerrado lá Orí somente voltará a se libertar do corpo na última expiração, pela boca.

A princípio Orí assentar-se-á no cérebro (opolo) daquele corpo, onde comandará Orí Òde (cabeça externa).



O ORI NA VIDA DOS HOMENS

Os seres humanos têm a liberdade de escolher sua cabeça, o itan fala sobre a formação de várias personalidades, pensamentos e concepções de destinos, à medida que reconhecemos a existência de uma diversidade de cabeças - portanto, de pessoas. A explicação é uma só: a escolha. Cada indivíduo começa a escolher seu destino muito antes de nascer. E continua a fazer suas opções já depois de nascido.

Indiscutivelmente, existem três afluentes determinantes para a formação do homem: sua ancestralidade, seu livre-arbítrio e o meio onde está socialmente inserido. Esses três elementos convergem para o Orí. O Orí, como sede de individualização do ser, recebe ainda mais um componente: o Ifá Àyà.



Segundo a tradição iorubá, a origem dos deveres morais provém da Divindade suprema: Olorum. Este, colocou nos homens o Ifá Àyà (“Oráculo do peito” ou “Oráculo interior”), o que seria sua orientação ética e moral inata.

Uma pessoa seria boa ou má, conforme ela corresponde ou desobedece ao seu oráculo interior, a sua consciência. Novamente, o Orí ganha importância ao ter a liberdade de optar pelo cumprimento ou não das orientações éticas que o próprio Olorum teria lhe ofertado. Destaca-se o Orí como uma entidade autônoma, dotando o ser da capacidade de decidir como agir. O Orí que resolve seguir o Ifá Àyà, praticando assim a ética e a moral depositadas por Olorum, é capaz de contribuir para o bem de seus semelhantes e para o engrandecimento de sua comunidade. A noção de bondade e de bom caráter surge a partir daquele cujas atitudes se aproximam das diretrizes morais escritas por Olórun.

O protagonista das escolhas é Orí e a liberdade das escolhas é determinada ifé-àtinuwá (livre-arbítrio). Contudo, ao buscarmos a origem desta expressão encontramos: ifé (subst. desejo) + àtinuwá (adj. agradável). Logo, temos que o conceito de livre-arbítrio é muito mais amplo do que simplesmente o poder de escolha. Livre-arbítrio, para o iorubá, é fazer uma “escolha agradável”. Agradável ao seu íntimo, portanto uma escolha que lhe traga conforto, e não conflito. Uma escolha que lhe traga paz e bem-estar. Ou seja: o livre-arbítrio seria a possibilidade de o indivíduo decidir por algo que não conflite com seu oráculo interior.

Todas as ações do homem, norteadas por seu Orí, ocasionam consequências a si próprio, à sua família e ao destino dos que o cercam. Por sua capacidade de escolha, Orí está decisivamente ligado ao destino (odù). Orí é soberano em suas decisões. Ele cumpre os norteamientos de Olodumare, se quiser. Mas, ao final da vida, o Deus maior fará o julgamento de todas as ações do homem.

Essa noção nos afasta do determinismo com o qual alguns percebem o destino. Enquanto o homem submeter seu destino puramente ao acaso, à vontade dos deuses e à sorte, estará minimizando seu próprio poder de influir e de objetivar seu futuro. Estará desprezando a capacidade de seu Orí.

Todas as ações do homem, norteadas por seu Orí, ocasionam consequências a si próprio, a família e ao destino dos que o cercam. Por sua capacidade de escolha, Orí está decisivamente ligado ao destino (odù). Orí é soberano em suas decisões. Ele cumpre os norteamientos de Olódùmárè, se quiser. Mas, ao final da vida, o Deus maior fará o julgamento de todas as ações do homem.

O odù de uma pessoa pode ser o mesmo que de outra. Mas as peculiaridades de cada destino jamais serão iguais. Por isso, entendo que a melhor compreensão/tradução da palavra odù não é destino, mas caminho. Portanto, os caminhos pelos quais os homens transitam podem ser os mesmos, mas cada um anda a seu modo e percorre sua própria trajetória. Não há caminhos (odù) bons ou ruins. Há os que são mais fáceis ou menos árduos. Mas a diferença no destino no homem não é seu odù de nascimento, e sim como ele escolhe caminhar.

Orí também funciona como intermédio entre homem e seu Orixá. Atua neste sentido como filtro. Por esta razão, um Orí instável e desequilibrado prejudica a relação do ser com o Orixá: aquilo que não for sancionado pelo Orí não poderá ser feito pelo Orixá.



OS ITANS, MISTÉRIOS E CAMINHOS DO ORI E A CASA DE MÃE IEMANJÁ

Dentro da Casa de Mãe Iemanjá a prática da fé está alicerçada ao estudo e por isso, entendo que em muitos pontos a crença atuante neste terreiro beira a racionalidade. Particularmente é difícil imaginar veracidade num itan através de uma mente acadêmica, até porque toda lenda é uma maneira lúdica de expressar uma verdade intangível. Entretanto, a presença do sobrenatural perante a fé é indispensável e por isso entendo quanto líder religiosa que naquilo que tange a Umbanda, sempre existirão mistérios que não poderão ser compreendidos pela mente racional, pois trata-se de algo que sobrepõe a minha capacidade intelectual e neste ponto só me resta a fé.

Pelo menos no meu contexto pessoal e religioso, não posso dizer que é de fácil aceitação a ideia de que exista um oleiro embriagado que queima nossas cabeças e nos causa transtornos na vida. Mas como uma pessoa que acredita no equilíbrio do universo e na oportunidade de uma encarnação justa, entendo que algo nos diferencie e que isso faça parte da nossa missão quanto encarnados.

O que estou tentando esclarecer é que, os itans são uma maneira humana de interpretar o sobrenatural e quanto mais a sociedade avançar, menos sentido a história em si fará, mas assim como outros textos sagrados, ainda que não seja uma verdade racional, sua mensagem e ensinamento é atual indiferente do tempo que se passe.



Sendo assim, interpretar, reconhecer e alinhar é parte fundamental da compreensão das religiões de matriz afro-brasileira e não seria diferente quando se trata da Casa de Mãe Iemanjá, afinal, não apenas temos fortes bases na tradição oral, como também no **saber espiritual e este por sua vez, não é estático, mas sim vivo.**

Entendo que o bem e o mal, o certo e o errado é proveniente de nossa consciência e deve ser visto de forma única para cada ser, pois está relacionado ao seu Ori e ao seu Odu, ou seja, ao seu destino e quais serão as implicações de cada decisão sobre a principal missão daquela encarnação.

Apesar da ideia cristã de abnegação para atingir a santidade, ao nos aceitarmos quanto filhos de Orixá esse conceito não cabe em nossas vidas. Sendo assim, **nosso Ori (personalidade), alinhado com o nosso Odu (caminhos para o destino) e ao Ifá Àyà (consciência) sempre nos conduzirão para a felicidade,** nos fazendo reconhecer, ainda que inconscientemente os elos necessários para que possamos de fato cumprir nossa existência da melhor forma.



Assim como Iku, o Ori é entendido como uma divindade que merece extremo respeito, porém hoje não existe na Casa de Mãe Iemanjá fundamentos para que seu culto seja praticado de forma mais profunda. Ainda assim, homenageamos e alimentamos o Ori durante o ritual de consagração do médium, no momento em que esse faz a sua primeira quartinha na casa.

Existem diversas diferenças entre o culto de Umbanda e os demais cultos de matriz-africana, entretanto, a ideia de ancestralidade está presente em todos eles. Sobre este tema, no que tange a Umbanda **entendemos que as entidades militantes nas linhas de trabalho umbandistas são nossa ancestralidade não apenas sanguínea, mas também territorial,** afinal, como filhos deste chão temos uma forte ligação com as suas raízes étnicas e históricas. Por isso, também compreen-

demos que a manifestação de incorporação e transe nos ligam aos nossos antepassados, alterando a ideia de espaço e tempo contínuos e nos possibilitando transpassar os planos materiais e sobrenaturais.



REFLEXÕES SOBRE O TEMA

Durante uma conversa com a Pombogira Rosa Caveira me deparei com a pergunta: “como reconhecer o que é minha missão e o que se tornou minha âncora para o evolutivo?”.

Quantas vezes a vida parece nos empurrar para uma nova direção e permanecemos agarrados às nossas tristes-felicidades? Se a cultura iorubá e a espiritualidade tem nos ensinado que o certo é olhar para si e aceitar aquilo que nossa essência clama, por outro lado, a culpa, o apego e talvez até o medo nos prende com os pés no chão sem permitir que possamos seguir adiante. E quanto tempo perdemos da nossa vida e da vida dos outros por medo de se perder ou por crer que somos um problema sem solução?

Confiar na espiritualidade não se limita a pedir um emprego ou algo assim, confiar na espiritualidade é entender que quando a nossa razão não for o suficiente para nos conduzir a felicidade, será nosso Ifá-Áyá que nos indicará esse caminho e neste momento, nossos guias irão pegar em nossas mãos e dizer: caminharemos juntos.

Falar em reencarnação e missões que nos acompanham vida após vida é falar de reconhecer e abraçar aquilo que torna a sua alma mais sensível, é aceitar aquilo que não se julga merecedor ou até mesmo estar pronto para viver o que irá transformar a sua essência.

Em quantas vidas perdemos a oportunidade de encontrar a verdadeira felicidade por que nos apegamos ao que é passageiro? Quantos conflitos carregamos para a nossa próxima encarnação por que fomos covardes para assumir a nossa missão, para trilhar o nosso evolutivo? Novamente é preciso se recordar que onde habita o medo, não há sabedoria, não há equilíbrio ou alegria.

Nossa missão é parte da nossa essência, está impregnada em nossos Ori, em nosso DNA e nos afastar dela é como perder um pedaço de si. Entretanto, é preciso autoconhecimento, pois aqui não falo do sentimento humano de posse, orgulho ou até paixão. Falo de essência, de algo mais profundo,



algo que não tem recuperação ou fuga. Neste momento falo de Mozart que sentia a música além dos ouvidos; falo de Frida Kahlo e seus amores, cores e dores; falo de Van Gogh e sua depressão em busca de mundo pintado em óleo; falo de Hebert Vianna e como ele caminha através da sua estrada de canções. Quanto mais tempo levamos para abraçar nossa missão e a transformação que ela nos propõe, mais coisas estarão no caminho da nossa verdadeira felicidade.

Quantas vezes confundimos a zona de conforto com a felicidade? Seria uma ilusão acreditar que paz é simplesmente se acostumar a viver com o básico? Se na espiritualidade a zona de conforto é morte da mediunidade, será que ao encarnarmos com a missão de evoluir, encontraremos na zona de conforto a verdadeira alegria? Ou será que precisamos ultrapassar o óbvio e caminhar em sentido ao desconhecido para então dos despirmos dos medos e encontrarmos nosso estado de nirvana? Ou seja, nos despirmos do material para viver a nossa essência cósmica.

Eu ainda não tenho a resposta para todas as minhas perguntas, mas ainda posso ouvir a voz dos guias ao meu redor me dizendo: busque a origem dos conflitos e descubra quais serão as novas escolhas que a vida está lhe pedindo, sem medo, sem dores, de forma leve e equilibrada. Quantas vezes você tentou burlar o seu Odu (caminho do destino), trilhando caminhos tortuosos por medo de seguir aquilo que verdadeiramente vai lhe proporcionar uma evolução? Quantas vezes repetiu o mesmo padrão de convívio que já foi o veneno do seu ser? O que em todas as vivências você sofreu pelos medos e valores que te perseguem? O que você precisa transformar e qual será o seu entendimento para encontrar esse caminho?

Quanto mais penso sobre os caminhos que trilhamos e seus impactos em nosso comportamento e vida, ou pior, a responsabilidade que assumimos perante os impactos que nossas escolhas trazem para o caminho do outro, mais penso que Sócrates talvez seja um dos mais iluminados seres humanos, pois sozinha em minha mente repito a frase do filósofo: “só sei que nada sei”. Quanto religiosa, concludo que entender a verdade da espiritualidade e não a usar como uma desculpa para se entregar novamente a sua ignorância, talvez seja o maior desafio de todo umbandista.

Perguntamos sobre nossas dores, esperando uma resposta clara. Mas em verdade somos apresentados aos nossos conflitos mais profundos: o que é egoísmo, o que é caminho, o que é apego, o que é futuro, o que deve ser deixado, qual o tempo certo para tudo isso?

Não viemos para esta Terra a fim de repetir nossos erros, viemos para uma nova oportunidade de viver o que está em nosso caminho, porém com mais sabedoria. E ser sábio, não é se esconder de suas verdades, pois o nome disso é covardia.

Quando seremos capazes de nos desapegar daquilo que nos impede de alcançar nosso potencial? Posso estar errada, mas acredito que isso só ocorrerá quando entendermos que o bem não é se tornar um mártir, olhando apenas para o outro e abandonando o seu direito de viver aquilo que irá te fortalecer perante a sua missão. Pode parecer estranho, utópico ou até egoísta, mas a justificativa para essa afirmação é simples: se só somos capazes de dar o que temos, ao nos esvaziarmos pelo bem do outro, acima do nosso, um dia só seremos capazes de dar o arrependimento e os elos que deveriam se moldar e restaurar antigos conflitos, em verdade, seguindo desta forma repe-



tiremos nossos erros e formaremos novos conflitos, pois os dias na Terra são contados, mas nosso espírito é imortal.

Ouvi da Pombogira Rosa Negra, uma frase interessante: carregamos culpas pelas pessoas que já machucamos e nos perguntamos se somos merecedores dos novos encontros que temos com aqueles que não soubemos amar. Hoje refletindo, vejo novamente a culpa, nos impedindo o entendimento. Se um dia causamos o desequilíbrio, hoje aprendendo o valor do outro, podemos restituir o equilíbrio, ter mais força para não ser aquilo que levará a nossa própria destruição e por consequência da destruição daqueles que amamos.

Se tem algo que aprendi com a Umbanda que toco na minha casa é que o bem e o mal não se dividem em uma linha e não será a esse conceito moral que iremos responder no momento do nosso desencarne. Pelo contrário, eles atuam como as ondas do mar, que

insistentemente moldam a pedra, que constantemente nos mostram o vai e vem do tempo, que podem nos curar ou nos afogar. E quem decidirá o quão profundo, doloroso ou prazeroso será o processo, somos nós... afinal... a areia dança com as ondas do mar, mas as pedras são destruídas aos poucos e só se entregam ao mar quando se tornam areia. E nos dois casos, o oceano é lindo.

Então, como reconhecer o que é minha missão e o que se tornou a minha âncora?

Somos seres imediatistas, pensamos apenas no hoje sem entender que não vivemos pelo agora, mas pelo conjunto de: ontem, hoje e amanhã. Quando traímos a nossa essência, nosso Ori e nosso Ifá-Áyá, estamos indo de encontro com a nossa missão e, portanto, nos afastamos dela. Mas como reconhecer isso?

Entendo que se a vida é o equilíbrio, quando estamos com pessoas que de alguma forma se ligam a nós através de uma afinidade moral, essa pessoa está doando parte da sua existência para nos mostrar o que em nós deve ser reconhecido. E também encontraremos as pessoas que são o nosso equilíbrio e que mostram qual o potencial que se esconde dentro de nós.

Uma vez, o Exu Gato Preto durante uma consulta levantou um ponto muito interessante sobre as relações que vivemos para o nosso evolutivo. Ele olhou para um casal em crise e disse: essa pessoa está usando a sua existência, está caindo em seu evolutivo, apenas para te ensinar aquilo que um dia você errou na vida dela. Não seja alguém orgulhoso e a ponto de não entender a lição que você acabou de aprender.

A espiritualidade atua em nossas vidas como Guias, ou seja, como mentores que tentam nos mostrar uma nova visão das experiências que vivemos nessa grande escola chamada vida. Quando falamos dos guias, por exemplo, foi exatamente o comportamento controverso de Exu que o tornou um grande guardião, capaz de nos ouvir sem o peso do julgamento. Se falamos de Orixás, foi a ira de Ogum que

o tornou divino. E nós, como crianças, nos vemos revestido de boas intenções brincando de deuses, buscamos na perfeição e aceitação como uma ilusão para o caminho para o evolutivo, quando este caminho está em respeitar os ciclos em ensinamentos da vida.

Qual o mal que você causa a você e aos demais por se negar o direito de viver feliz? O que será que a sua essência irá propagar se você continuar abraçado a sua triste-felicidade? Se a vida precisa do equilíbrio e dos momentos de luta para a felicidade existir, nós precisamos nos permitir viver sem o apego pela dor.

Ser livre não é uma licença para machucar a quem nos cerca, é autoconhecimento. Ser livre é entender que somos equilíbrio entre luz e trevas... entender que quando nos perdemos desse equilíbrio iremos pagar uma alta conta, mesmo que seja no amanhã. Então, escrevendo essa apostila percebi que só posso carregar o que faz parte de mim e aquilo que minha missão permite que eu aprenda.

Não tenho uma resposta concreta sobre como ocorre a reencarnação ou a vida após a morte, mas tenho fé que fazem muitas encarnações que tento fazer o mundo um lugar melhor, que já fui vencida pelas dores muitas vezes, mas que estou aprendendo. Tenho gratidão pelas pessoas que encontrei, pela liberdade sentida através do perdão, pelos meus amores e pela lição de que eles não podem me matar. Mas acima de tudo, tenho gratidão pelos guias que não me permitem dizer que estou só e que neste momento falam comigo, com sabedoria e mansidão.

Pela fé, isso é tudo o que me basta e talvez a minha maior lição neste estudo.

Axé.





A VISÃO DA MORTE NA UMBANDA

Quando falamos sobre a morte, é importante compreendermos o indivíduo como ser social, afinal, cada grupo traz uma visão diferenciada sobre o desencarne. A crença religiosa desta pessoa também é muito importante, pois é por meio dessa crença que ela fará a interpretação deste advento.

Então, já que somos umbandistas, vamos falar sobre a Umbanda que a gente toca aqui em casa e como nossos mentores espirituais nos ensinam?

Em primeiro lugar, gostaria de esclarecer quanto autora e sacerdotisa que todas as informações aqui descritas são fonte de pesquisa empírica e acadêmica, entretanto, não passam de uma organização de ideias que podem facilmente sofrer alguma alteração de acordo com o evolutivo espiritual de nosso terreiro e da corrente. Sendo assim, não há verdades absolutas nas palavras aqui escritas e nem seremos capazes de absorver tudo o que o sobrenatural tem a nos dizer sobre o nosso desencarne.

Vamos começar do básico, a Umbanda é uma religião sincrética que absorveu conceitos, atitudes e princípios cristãos, indígenas e afros, pois estas três culturas religiosas estão na sua base teológica e são visíveis em suas práticas. Nos dias atuais a Umbanda possui várias ramificações como, por exemplo, Umbanda Popular, Branca, de Caboclo, Sagrada, etc. Isso quer dizer, que nossa fonte de pesquisa primária, a espiritualidade, é uma verdadeira explosão de conhecimentos e saberes, o que faz com que a padronização dessa religião seja impossível.

Há quem diga que essa base tão plural torna a Umbanda uma religião sem fundamento, eu quanto sacerdotisa discordo profundamente, afinal, já dizia o ponto:

“Corre gira pai Ogum, filhos quer se defumar. A Umbanda tem fundamento, que é preciso preparar. Com incenso e benjoin, alecrim e alfazema. Defumar filhos de fé com as ervas da Jurema”.

Cada terreiro terá uma crença mais familiarizada com uma ou mais diretrizes de suas influências base (kardecismo, cristianismo, pajelância ou africanismo), ou seja, seu conceito de reencarnação e morte estará alinhado com a visão de fé de suas entidades principais e também de seus sacerdotes.

Neste conceito é possível entender como o equilíbrio entre essas quase bases é delicado, pois em determinados quesitos, e a reencarnação é um ponto conflituoso dentre estas crenças, afinal, encontramos tantas semelhanças quanto diferenças em suas definições.

Ao estudar as religiões de forma mais ampla se percebe que cada qual, a sua maneira, compreende o cosmo e os planos sobrenaturais de uma forma particular,

mas que entre todas existem alguns pontos que se convergem e talvez esteja justamente nesses pontos a verdade que tanto buscamos. **Crer é o caminho da fé e este caminho sempre estará comprometido pelas certezas abstratas, pela nossa busca do incompreensível** e não seria diferente com um tema tão complexo.

Tratando-se da Casa de Mãe Iemanjá, por diversos fatores podemos definir que atuamos com mais ênfase nas bases africanistas e de pajelância. Sendo assim, podemos trazer para esse estudo a visão indígena do conceito:



Antes da chegada dos portugueses, os povos Guaranis e Tupis não tinham um cemitério para enterrar seus entes queridos. Nessas tribos, a prática era enterrar o falecido dentro da oca, que era abandonada em seguida.

Somente com a influência dos jesuítas é que essas tribos passaram a construir cemitérios que ficavam bem distantes das aldeias — e permanecem assim até hoje — devido ao medo do “anguêry”. Nesses cemitérios, os índios são enterrados com os pés voltados para a nascente mais próxima, de forma que encontrem facilmente o caminho para a terra Sem Males, que fica na direção do oceano.

Para ajudar os mortos nessa caminhada, os índios acendem fogueiras durante o dia, buscando iluminar o caminho para a passagem. A chegada do morto ao outro mundo acontece quando seu espírito retorna à aldeia, aparecendo nos sonhos, principalmente do pajé, para dar conselhos à tribo.

Ainda que utilizemos da interpretação de texto para traçar qualquer tipo de comparativo entre a Umbanda e a cultura das tribos Guaranis e Tupis (presentes no culto umbandista através da atuação da linha dos caboclo), é clara a ligação entre as duas visões da morte.

A primeira ligação que podemos fazer é uma alma dividida em três, na cultura indígena e, a ideia de uma alma dividida em dois planos que é acompanhada também por uma consciência (Ifá-ayá), na cultura africanista.



Anguêry: segundo os povos Guarani, as pessoas têm três almas: *nhe'em*, a parte boa da alma, que garante os bons comportamentos durante a vida e vai para o Além após a morte; *avyu-kuê*, que é uma cópia imperfeita da pessoa e permanece no mundo após a morte, como uma sombra, mas não incomoda ninguém; e *anguêry*, que é a parte animal da alma, influenciadora dos comportamentos ruins durante a vida e que fica na Terra após a morte, assombrando os vivos. - REVISTA MUNDO E MISSÃO (2004).





Outro fácil comparativo é a ideia de um plano astral (a Terra Sem Males), para o qual o espírito é encaminhado através de fogueiras para iluminar seu caminho (velas?) e de um condutor universal (a água). O oceano, chamado na Umbanda da calunga grande (grande cemitério) está ligado com essa passagem para o sobrenatural, sendo o caminho de entrada para a Terra Sem Males.

Ainda mantendo a mesma linha de raciocínio, pois após chegar a esse outro plano e se equilibrar energeticamente, o espírito é autorizado a ter contato com o mundo dos vivos, a fim de auxiliar no desenvolvimento da sua comunidade.

Voltando aos ensinamentos do nosso terreiro, na interpretação da Umbanda a morte do corpo físico não é o fim da vida. Entende-se apenas como o fim de um ciclo, e sendo assim, nosso espírito será encaminhado para uma esfera espiritual condizente com seus atos e vibrações emocionais acumuladas durante a passagem no corpo físico. **A Umbanda tem na cerimônia fúnebre a preocupação de garantir que o espírito desencarnado fique a cargo da Lei Divina e não tenha problemas maiores com ataques de espíritos negativos.**

Na Umbanda, morte e nascimento são momentos sagrados. **O objetivo maior do nascimento e da morte é a harmonização e a evolução consciente do espírito.** Após a morte, o ser humano leva consigo suas alegrias, sua fé, suas crenças, suas mágoas e suas dores.

De maneira geral, a Umbanda não acredita em um céu ou num inferno, mas sim que há determinados planos astrais que comportam uma energia propensa a cada tipo de Ori (cabeça), onde o espírito é recolhido a fim de aprender, aceitar e evoluir à partir de sua própria essência, de suas verdades e saberes.

A permanência nestes planos não trabalha um processo de arrependimento, afinal, não temos como mudar aquilo que já vivemos, mas sim de uma aceitação. Essa mudança de realidade sobre a vida no pós-morte promove um crescimento



pessoal e energético, transformando vivências em sabedoria que será aplicada através da prática da caridade, seja pela incorporação, irradiação, intuição ou apenas agregando ao axé do terreiro.

Quando maior a aceitação do espírito, mais energia (axé) ele é capaz de expandir de seu corpo astral e maior será a sua sabedoria, então é possível que este ser faça novas escolhas nas quais ele possa evoluir espiritualmente e que podem envolver situações como: novas linhas de trabalho, atuação em outras denominações religiosas e até o reencarne.

Cada espírito tem um tempo próprio para a sua evolução, não existe o certo e o errado no que diz respeito a atuação da espiritualidade nos planos Orum e Ayê, por isso, acredito que assim como aprendemos e desenvolvemos no terreiro, os nossos irmãos, que agora habitam outro plano astral, também tenham os seus desafios na busca do equilíbrio espiritual.

A Umbanda acredita na reencarnação, processo no qual, através de sucessivas vidas vamos evoluindo espiritualmente, ao mesmo tempo que colaboramos para o aprimoramento de toda a criação divina através da interação que temos entre outros espíritos e até mesmo com o meio terrestre. Entretanto, será que esse processo é igual para todos os espíritos?

Segundo Vargas (2023) em seu artigo na Tribuna Piracicabana a resposta para essa pergunta é não!



O processo evolutivo não dá saltos. Geralmente o desenvolvimento de nossa inteligência precede a evolução de nossos sentimentos. Ao reencarnarmos, nos deparamos com a necessidade de desenvolvermos as nossas habilidades para sobrevivermos no mundo material. Os desafios que enfrentamos, são agentes catalisadores para o desenvolvimento de nossa inteligência e sentimentos, mas muitos espíritos são rebeldes à modificação de seu comportamento, optando por estacionar nas regiões de sofrimento do mundo espiritual.

A fim de esclarecer a importância do processo de reencarnação, me aprofundi sobre o tema através de estudos acadêmicos em diversas religiões, depois de dias lendo sobre o assunto, novamente me deparei com a conversa do Exu Marabô das Almas já transcrita aqui, pois encontrei apenas peças de um grande quebra-cabeça que certamente ainda será montado e que está longe do meu entendimento a sua organização. Por isso, recorri novamente a espiritualidade para esclarecer ao menos as dúvidas que meu saber é capaz de comportar. Sendo assim, resumo abaixo uma das muitas conversas do Exu Marabô das Almas e que tive a oportunidade de ouvir.



Apesar da importância da reencarnação para a Umbanda, o processo de evolução do espírito envolve muito mais do que a morte e a vida. Não há como determinar em qual processo o homem será capaz de se desenvolver com maior fluidez, pois essa resposta é individual de cada um.

Para alguns espíritos o peso da matéria é muito grande e por mais evoluídos que eles estejam, tendem a regredir muito mais encarnados do que desencarnados. São espíritos que ainda não aceitam a sua própria essência e por isso a escondem, perdendo a oportunidade de realmente resolverem seus conflitos e equilibrarem os seus desalinhos.

Estes homens normalmente são viciados em emoções, carregam um forte apego aos seus desejos e acabam se tornando pessoas instáveis. Quando encarnados e preenchidos pela energia mais densa que acompanha esse processo, deixam-se levar por seus instintos, valorizando apegos que não agregam ou facilitam sua existência neste plano. São sedentos de uma fome de poder que não passa nunca, manipuladores e orgulhos. Pouco a pouco se tornam cegos de sua própria evolução espiritual e isso, em alguns casos, fazem com que seu desenvolvimento regrida.

Outros espíritos, usam da falta de conhecimento da encarnação como a força para de fato evoluir, esquecem-se das suas dores anteriores e conseguem se doar, até para aqueles que um dia os feriram. Equilibrando assim a balança e através desse convívio vencendo de forma mais leve os conflitos que ainda os prendem numa faixa vibracional de vingança.

Apesar de serem mais equilibrados, estes homens ainda trarão consigo medos e traumas que não conseguem compreender e que estão diretamente ligados ao seu desenvolvimento pessoal e evolutivo. Sendo esta uma grande barreira a ser ultrapassada para que estes espíritos de fato reaprendam a importância do convívio para o seu crescimento.

São pessoas que normalmente aparentam certa fragilidade, muito emocionais e que tendem a desistir fácil de seus objetivos.

Não há um caminho fácil para o equilíbrio e nem mesmo haverá andando pela terra um homem perfeito, até mesmo os espíritos que decidem trabalhar como mentores na Umbanda ou em qualquer religião, estão no mesmo processo de crescimento do que os encarnados, vencendo seus medos, vaidades, verdades e emoções. Reconstruindo relacionamentos e se dando a oportunidade de viver dias melhores, ainda que essa seja na morte.

O equilíbrio entre as muitas existências que se cruzam em uma encarnação é muito mais complexo e profundo o que a mente de vocês pode entender. Por isso, jamais ele poderá ser explicado de forma racional. Para isso, vocês teriam que lembrar de tudo o que fizeram em todos os tempos e não há mente humana que possa fazer isso sem enlouquecer.

Por isso, o importante é entender que a existência não deve ser uma sucessão de dores ou desafios, mas sim um caminho de aprendizado e evolução que todos, encarnados ou desencarnados trilhamos.

Dentro das práticas realizadas na Casa de Mãe Iemanjá não acreditamos na existência do céu ou do inferno. Ufa! Sem lago de fogo para os umbandistas! E **apesar de absorvermos muito da mitologia e cosmogonia iorubana, no que tange a vida após a morte, a melhor opção é recorrer aos próprios guias que atuam dentro do terreiro.**

A ideia de um desencarne tranquilo ou não, está ligada ao nosso bom caráter, ou seja, a nossa aceitação sobre a conduta que tivemos em vida e quais os tipos de ensinamentos e energias que vamos levar dessa existência.

Quando conseguimos atingir o evolutivo necessário para nos desapegarmos da matéria e assim caminhar livre de culpas, cobranças e necessidades físicas, nos desligamos mais facilmente do corpo. É possível que neste momento você receba ajuda dos teus guias, de entes queridos que estejam no plano espiritual e até mesmo de entidades que você tem grande estima, pois dentro da visão que compartilhamos em nossa casa, **o desencarne é um renascimento para a nossa verdadeira vida e, portanto, somos recebidos com grande festa.**

E se não tivemos uma evolução espiritual em vida?

Bom, se esse for o caso você provavelmente estará apegado as suas ações durante essa existência e a falta da fé e da religiosidade podem dificultar o seu processo de desligamento da matéria. Isto ocorre porque espiritualmente somos apenas energia e sem a matéria para nos limitar somos capazes de viver tudo o que pensamos e projetar tudo o que acreditamos, ou seja, você se verá frente a frente com seus medos, valores e verdades e não terá como fugir desse encontro.

E onde entram os nove Oruns nesse conceito? Ninguém é capaz de nos julgar melhor do que o nosso Ori, nossa cabeça.





ENTENDENDO MELHOR O PÓS-MORTE

Com o objetivo de aprofundar este estudo e responder questões mais complexas, sobre o processo de desencarne e vida após a morte, recorri ao Exu Marabô das Almas. Após um conversa de pouco mais de uma hora, seguem as conclusões e informações trazidas pela Entidade e mais alguns espíritos, para que possamos compreender esse tema com maior profundidade.



Os homens pegaram um conhecimento chamado fé e o dividiram em tribos diferentes.

Apegados ao seu próprio entendimento do divino, não souberam se unir e multiplicar, não entenderam que se religar a criação não é algo que pode ser feito de forma individual, afinal, guardamos dentro de nós apenas uma parte da energia criadora (Deus) e só podemos acessar a magnitude dessa força quando unimos todas as partes dessa potência, ou seja, quando nos unimos e aceitamos que não há diferenças e sim peças que se encaixam justamente por não serem iguais.

Aquilo que inicialmente seria uma ponte para unir aos homens, se tornou a justificativa para que o pior aflorasse dentro dos corações sedentos de poder. Aos poucos Deus se tornou propriedade dos homens e por isso brigaram e julgaram, tanto falaram que cada um aprendeu a olhar apenas o seu pedaço de saber. Arrogantes, definiram que a sua chama de compreensão do universo, era toda a fogueira que poderia ser acesa, e assim, o que competia apenas à uma parte da história, virou uma ilusão chamada de verdade absoluta.

Assim como uma única estrela não é uma constelação, os homens ao se voltarem apenas para o seu pedaço de conhecimento, se tornaram vazios em suas afirmações, pois a verdade não habitava em cada tribo, mas sim na união de todas elas.

Pensando bem, creio que essa seria a primeira lição da espiritualidade para a vida de vocês: a verdade é grande demais para apenas uma existência, portanto, jamais caberia num único ser.

Quando o conhecimento se separou e os homens construíram as suas verdades imprecisas, cada tribo por si, se tornou incapaz de completar o ciclo deste saber chamado fé. Pois o coração humano é arrogante e em sua infantilidade acredita que só aquilo que sua mente compreende ou o que seus olhos veem é digno de ser chamado de verdade.



Por isso cada religião entende a morte e a existência após ela de formas diferentes. Afinal, o homem procurou dentro da sua imaginação a verdade que ele desconhece, pois ela está guardada na parte do saber que habita no outro, ou seja, nas palavras do seu irmão, que como você recebeu a sua parcela do conhecimento universal e por si construiu um caminho religioso, que compreende seu saber, sua fé, sua cultura e, portanto, suas verdades. Foi assim que infelizmente, o que era para unir os homens, se tornou uma guerra santa.

Neste contexto surgiram as disputas entre os líderes da fé. Tudo começou quando os homens uniram o material e o sobrenatural na tentativa de justificar aquilo que não é compreensível para apenas um ser, aquilo que só pode ser decifrado quando o primeiro passo for a união.

Ouvir a sabedoria de Deus ou dos espíritos para muitos já não era mais se religar ao seu divino. Numa sociedade vazia de valores, sentir-se especial se tornou sinônimo de poder. Ainda que a verdade dos homens não seja a verdade dos cosmos, acalentava as aflições e o medo de partir desse plano sem nada plantar, sem nada deixar. E por isso, as mentiras caridosas acalentaram tantos corações sedentos de aceitação, nem que esta fosse divina.

Encontrar-se com a fé perdeu o significado de olhar para si, com os anos, com as tantas religiões e com homens cada vez mais vazios, os terreiros se encheram de “cacas de cocos”. E aqui não falo de mediunidade apenas, mas de seres vazios, carentes, sem valores e que buscam fora de si, aquilo que jamais puderam enxergar dentro da sua essência. Se vovó, um dos principais símbolos da Umbanda, não quer casca de coco no terreiro, para não lembrar dos tempos do cativo... talvez seja, que no saber desta linha tão humanista, estes guias enxergaram o que tentamos esconder e quanto somos prisioneiros de nossas mentiras.

Hoje, é mais fácil se religar a um Deus distante e dominante de seu destino, do que enfrentar o vazio de nossa essência abandonada. Sofremos por medo de enxergar que a perfeição não está na igualdade ou na santidade. Mas sim, na verdade aceita, na alma revelada através do espelho. A perfeição está em aceitar quem somos e cada ciclo que compõe nossas vidas.

Vestir-se da santidade cristã é um fardo que





nem mesmo Jesus se sentiu capaz de carregar, afinal diz no grande livro que é hoje dado como sagrado: “Meu Pai, se possível, afasta de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mateus 26:39)”. Aos meus olhos, depois de uma vida de abnegação e sofrimento, ao enxergar que a vida, mesmo que infinita, é finda a cada existência, o encontro com a sua essência divina é inevitável e por isso, cabe a nós, vivermos nossa verdade, pois a perfeição nos acompanha desde o berço e não precisa ser construída, apenas revelada.

A essência de Jesus despertou neste momento, sua força divina, sua energia criadora desperta pede pela vida. O que vale mais, um mártir eterno ou uma vida de realizações? Qual seria verdadeiro caminho para se tornar uma árvore ancestral? Para espalhar a sua essência é preciso viver e plantar novas sementes. Para ter a

sua vida contada em história que serão reinterpretadas por muitos que usarão dela para dizer o que está em sua essência, é preciso o reconhecimento que apenas a morte nos concede.

A fé infalivelmente habita no coração dos homens e como somos donos de nossos destinos, cada qual com o seu caminho escolherá como irá conduzi-la. Para os corações mais perversos, a fé se tornou o medo e o pavor fragiliza as pessoas. Deus é digno de temor, ele é distante, grande e punitivo.

Há muito tempo descobri que onde habita o amor, não há espaço para o medo. A fraqueza nos impede de encontrar nossa verdadeira essência e, por consequência, a luz que parte do divino que habita em nós, se torna uma chama quase sem força. Pouco a pouco os verdadeiros templos, que são os homens, deixam de cultuar o seu divino para erguer grandes templos de pedra e ouro, que muitas vezes guardam mais desespero do que fé.

Hoje vocês vivem num tempo em que os homens falam tão alto, que pouco conseguem ouvir dos cosmos e assim, com novos muros construídos, novos valores assumidos, continuaram na busca pelas respostas que eles mesmos apagaram de sua história. Isso porque, alguns por egoísmo, outros por ganância e outros tantos simplesmente por ignorância, os homens se tornam escravos de suas verdades.

Quantas vezes a fé virou a máscara que esconde as maldades humanas.

Esconder suas vergonhas se tornou a melhor forma de atingir a perfeição. Quase em toda família, até poucos anos atrás quem não queria mais assumir sua filha,



simplesmente a entregava para Deus na busca da redenção dos próprios pecados. O menino que jamais se casaria pois não tinha interesse algum em ter uma noiva, era o filho perfeito para monastério e quando padre, tudo o que acontecia na sacristia, a grande cruz na porta da igreja silenciava e escondia.

Mas me explica, como fica a sabedoria divina com tais condições. Como os homens que carregam em suas palavras a força da fé, são capazes de encontrar em sua consciência o caminho para a essência divina, quando se perderam de si mesmos? Se só damos aquilo que temos e se aceitamos que fé deve ser trocada pela covardia ou maldade, teremos apenas um brilho de escuridão no olhar e o medo de se reencontrar e jamais se aceitar. Quando nem nos amar somos capazes, trocamos a união proposta pelas verdades da sabedoria criadora por valores de uma sociedade que infelizmente, na maior parte do tempo se resume a hipócritas.

Quantos são os homens que falam de caridade e bondade e quantas vezes em sua busca pela fé trazem acalento aos corações com as palavras que falam de um amor, nem sempre verdadeiro, mas que é um bálsamo para os muitos sofrimentos vividos nesta Terra? Estes, homens de fé buscam a perfeição em vida, na esperança de que na hora da partida sua conta estará quitada. Mas se você pensar bem, vai logo perceber que para sempre teremos uma dívida, afinal, quem é capaz de pagar pelo dom da vida?

Estes tentam ser tão perfeitos que deixam de ser quem são e aí, muitas vezes infelizes enchem seus corações de arrogância e disputam com Jesus quem é o mais caridoso, o filho de Deus ou o homem e seu coração religioso. Passam a direcionar seu rebanho com mãos de ferro, transferem sem perceber a própria frustração, pregando no lugar do amor coisas que deveriam ser combatidas como: infelicidade, rancor, preconceito, soberba e tantos outros sentimentos que habitam no vazio de uma essência substituída pelo medo de não ser perfeito.

Alguns homens procuram um lugar numa colônia cósmica, de preferência longe das catacumbas e do vale dos suicidas, um lugar para matar as saudades, acertar as contas, perdoar dívidas e fazer novas escolhas. Um lugar que nos prepara para uma nova vida, onde compreendemos que são os infinitos ciclos evolutivos que nos tornam quem somos. Apesar de parecer um sonho lindo, quando conheci esse caminho eu pensei: como poderia me divertir se eu deixasse de lado todos os meus defeitos para erradicar as deficiências arrecadadas durante a minha vida? E se assim o fizesse, será que ainda poderia ser reconhecido por aqueles que amo? Percebi, que se fizesse isso iria abrir mão também de muitos dias de alegria, de parte da minha força, de quem eu de sou e por isso decidi seguir por outras linhas. Renunciei ao meu nome, mas nunca da minha chama divina.

Os homens entenderam que a salvação era sinônimo de sofrimento, pois ela só existia na perfeição, ou melhor, na ausência de qualquer desejo ou defeito. Se a cruz foi necessária para aquele que se denominava filho de Deus, qual será o peso que devemos carregar para merecer o olhar dessa força que emana um



amor punitivo? Será que até mesmo o divino nos exige um relacionamento tóxico, de submissão e sofrimento e por isso a infelicidade se tornou tão normal nos esvaziando de esperança e, em muitos casos, trocando a fé por um pouco de vaidade misturada com muita arrogância?

Pela ausência do questionamento, os homens ensinaram aos seus filhos e herdeiros que suas sombras eram as prisões que o detinham no pecado, foram desistindo da felicidade e entregando a esta divindade tão distante a própria vida. Quando perceberam, tudo estava decidido e a eles só cabia suportar pois: “Se essa é a vontade de Deus, que assim seja o meu destino”.

Mas os homens ainda tinham as velhas, as crianças e irmandades, tinham também os padres e jesuítas que queriam espalhar sobre a fé e o amor de verdade. Estes sim preenchem os espaços com a sua crença e era tanta ladainha, tanta vigília, tanta reza no cantinho mais perdido das igrejas que até no astral de ouvia: “Salve Nossa Senhora do Rosário, salve a Virgem Maria”. E assim, através da fé quase inocente, o divino que habita nos homens ainda encarnados, se unia com os cosmos e com a essência que vagava pelo infinito, foram se formando novos planos, que por afinidade e respeitando à cada verdade, abrigam dentro de si uma determinada classe de espíritos que ressoavam em equilíbrio com a essência daqueles que por luz clamavam.

Essa força emanou em todos os cantos da Terra, assim como os encarnados se dividiram em tribos, os espíritos se dividiram em verdades e hoje buscam reencontrar parte do que perderam através da coexistência destes planos. Ainda falta muito para se entender que luz e trevas são parte da nossa essência, que fazer o bem exige que façamos o mal também e que isso é o equilíbrio.

Se houvesse alguém completamente bom, seria preciso seu contraponto e, portanto, teríamos que enfrentar a maldade em sua plenitude. Não falo de um diabo que aceite acordos, ou de um Deus que permita erros, falo de uma perfeição inatingível e de uma maldade implacável. Não haveria equilíbrio nesse encontro, apenas a aniquilação de toda existência universal.

Se a energia da criação para se harmonizar precisou se dividir entre toda a sua obra e tudo o que conhecemos faz parte dela, é improvável ou ao menos questionável que para ser divino, é preciso escolher apenas a sua metade. Ou seja, não há no mundo espiritual uma batalha por quem é digno ou não de ser considerado sagrado, pois em espírito se torna claro que todo assim somos, o que ocorre, e esse é o principal motivo da existência da Umbanda, é a atuação da fé e da verdade do espírito, em busca pela harmonia que os homens perderam durante o seu caminho terreno.

Por isso, cada erro e acerto, cada descoberta e cada vivência não pode ser evitada, ela precisa existir para que possamos nos fortalecer e até evoluir. Pois seja em vivência material ou na sabedoria espiritual, só podemos dar o que temos, ou seja, precisamos viver para entender dor e amor. Por isso, tenho



orgulho de quem fui, pois somente assim, posso ser o Exu que sou.

Como cada terra carrega em sua energia a força do povo que dela se alimentou e nela morreu, ao falar sobre a espiritualidade para esse terreiro, preciso explicar a força dos que antes de todos viviam aqui. A tribo dos indígenas já sabia o que era respeito a natureza e entendiam que morrer é ganhar o direito de se unir a todas as existências, expandindo quem somos e cuidando daqueles que depois de nós viriam.

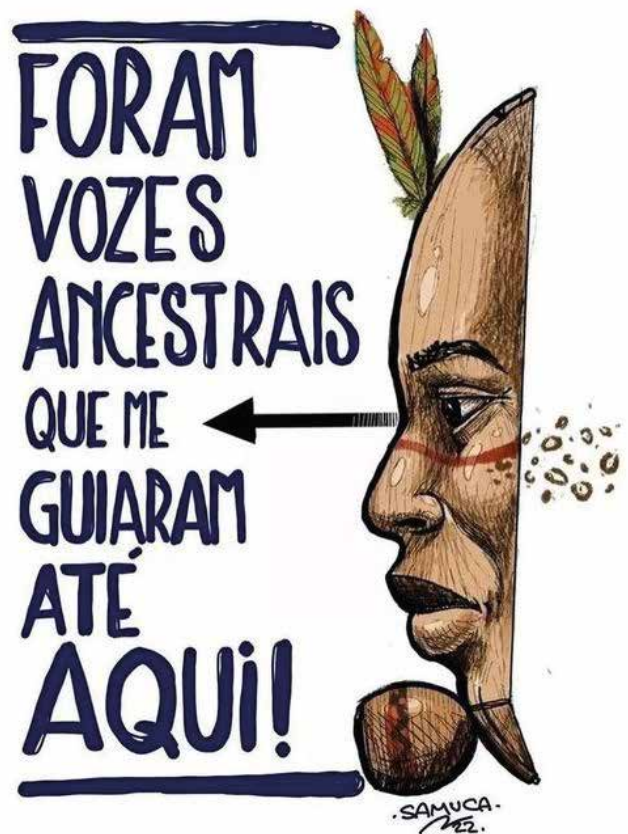
Acreditavam que quanto maior o equilíbrio, maior seria a sua energia, por isso, cultivavam os grandes guerreiros, a guerra e a terra. Faziam isso na certeza de que precisamos dos conflitos para vencer os nossos medos e nos libertarmos das amarras de uma única vida. Habitados a viver na mata, aprenderam com os animais que a vida pode ser implacável e por isso, muitas vezes se tornaram bárbaros.

Ainda tem a tribo de terras longínquas, os negros que trouxeram a magia dos elementos, as divindades da terra e a sabedoria que só o sofrimento pode ensinar. Mais do que uma certeza, crer era um acalanto sobre o propósito do seu sofrimento.

Esse povo ainda acredita que no fim da vida existe um julgamento e pelas suas ações você terá que responder, nesse dia não existe um canto obscuro do seu pensamento, toda a verdade será revelada e o peso do seu coração é que definirá qual será o próximo destino da sua jornada.

Juntos, branco, negros e índios, cultivaram tanta violência, que beberam do próprio sofrimento, pois a vida é um ciclo pautado no merecimento daqueles que se ligam nesta existência e em todas antes vividas. Ainda que em carne, vocês não sejam capazes de entender, é justamente os reencontros e as possibilidades de reviver aquilo que foi perdido ou anulado que mantém o equilíbrio do mundo, mantém o equilíbrio na energia de cada ser e a ligação entre os tantos planos que habitam a espiritualidade.

No universo não há maldade, apenas uma reação contínua do verbo e da ação. Se pensamos, logo agimos e quando agimos iniciamos um novo ciclo que irá nos conduzir nesta vida e em todas as outras que estão por vir. [A grandiosidade da vida é tão profunda que é impossível com apenas uma](#)





mente se desvendar os mistérios que estão ocultos em cada uma das tribos. Por isso, apenas quando unirmos todas as falas das mais diversas vivências é que encontraremos o caminho do sagrado que habita em tudo o que existe.

A sabedoria é a principal arma contra a arrogância e o preconceito. Enquanto na Terra os homens se torturam pela não aceitação, no espiritual o equilíbrio nos liberta das prisões da vida. Para ser o Exu que guarda este terreiro, aceito quem sou! Aceito dividir minha essência, meus amores, minha força. Aceito, pois entendendo que não há caminho que não possa se cruzar quando uma determina vida já se uniu a outra e não há força que possa impedir isso. Evoluir é entender que o apego nos impede de crescer e que quando encarnados mal compreendemos a verdade de sentimentos como o amor, a fé e até mesmo a dor.

A Umbanda foi constituída no cosmo para ligar alguns dos pedaços da verdade que há muito tempo estava perdida. Essa sabedoria é feita do equilíbrio na união entre a espiritualidade e os homens. Assim como qualquer outra religião, muitos serão os problemas a serem enfrentados para que de fato a Umbanda seja capaz de cumprir a sua missão.

Entretanto, é preciso se conscientizar que, no plano terreno, quem pode mais é o humano que dele faz parte, e os homens ainda precisam aprender tantas coisas sobre serem divinos que este sempre será um caminho conturbado no qual muitos se perdem em suas escolhas. Nós, que estamos aqui apenas para ajudar no processo evolutivo de vocês, não podemos impor nenhum conhecimento. Por isso, enquanto houver a arrogância, jamais haverá o entendimento.

Não existe religião errada, afinal a fé precisa ser tão diversa quanto o ser. O que existe são corações corrompidos.

*O grande desafio da Umbanda é unir o que há de mais espiritualizado nas mais diversas religiões do mundo e a partir dessa união construir um caminho de autoaceitação através da revelação de sua essência. Em algum ponto, todas as crenças se convergem em uma única verdade: **reencontrar o divino é permitir-se encontrar a felicidade**. Não importa se a estrada é de pedra ou de barro, o destino irá se manter o mesmo, mas cada um aplicará a sua sabedoria no caminho.*

*Podemos andar de olhos pregados ao chão, sempre à procura de uma pedra, podemos caminhar amedrontados, acreditando que o mundo é nosso inimigo e podemos simplesmente aceitar que o caminho é inevitável, mas que as belezas e as pessoas que encontraremos nele são parte da jornada e tornarão essa viagem mais bonita. Apesar do conceito de sagrado que sempre acompanhará o divino, como Exu eu posso afirmar: **não nascemos para sermos santos, a santidade não cabe na carne, porém a felicidade irá nos encorajar a abraçarmos nossa essência e acender a nossa chama sagrada**.*

Ser umbandista é um desafio e ao mesmo tempo uma rebelião! O mundo nos ensina a ocultar a verdade desde o berço, enquanto a Umbanda no pede para



que tenhamos a coragem de olhar no espelho e encontrar a perfeição naquilo que julgamos feio.

Por que tantos prazeres estão associados a escuridão? Por que nós, os Exus estamos ligados a imagem de perversão? O que nos torna essa esquerda tão temida e avessa a sociedade? Quanta coisa vocês fazem durante a noite, ou num quarto escuro? Quantos segredos bloqueiam suas vozes na busca de um lugar privilegiado aos olhos de Deus? Continuar a se esconder, a se calar, a se matar quanto essência tem provocado profundas feridas nos homens e originado as doenças que hoje assolam a humanidade. Cada dia mais, quanto mais se transforma a energia desse plano, a alma já não consegue se conter no silêncio imposto, afinal toda essa Terra está caminhando para uma nova era, com novos valores, com outras conquistas, um tempo no qual não cabe a imposição e sim o conceito daquilo que é bom para o meu evolutivo.

- Texto escrito com intuição de diversas entidades. -



O TEMPO E OS PLANOS ASTRAS

Segundo as declarações do Exu Marabô das Almas que atua na Casa de Mãe Iemanjá, a primeira coisa que precisamos entender é que o tempo não é uma linha reta. É justamente esse conceito que define a capacidade de previsão dos acontecimentos advindos.





O tempo não segue uma linha reta, porque se assim fosse, como existia qualquer tipo de previsão ou oráculo. Quando vocês encarnam, já existe uma missão, algo que vocês precisam fazer, mas isto é assim justamente porque em algum momento dentro da existência e da essência de vocês essa história já existiu, por isso, a energia de vocês está presa a ela.

São muitas vidas, muitas histórias e a mesma missão. Porque vocês não encarnam a cada vida com uma missão diferente. Enquanto vocês não conseguem atingir aquilo que a encarnação vem ensinar para vocês, não há evolução e se não há evolução, todo o ciclo que se formou para esse aprendizado irá viver novamente a mesma lição.

Por outro lado, quando completam o seu ciclo de aprendizado, não precisam mais reencarnar enfrentando as mesmas situações.

Vocês podem se ver em muitas etapas do tempo, mas sempre seguindo os mesmos desafios.

As encarnações não são uma sucessão de sofrimentos, mas sim o caminho para compreender a sua verdade e aquilo que por medo, vaidade, covardia, ou o que quer que seja, você abandonou no meio do caminho.

Mas o equilíbrio é implacável e a cada nova encarnação, você recomeça do zero, contando apenas com as certezas que já fazem parte do seu ser. Através das suas inúmeras vivências: valores, amores, sonhos e até mesmo novos laços, são agregados ao seu caminho, tornando esse desafio cada vez maior, mas também mais produtivo.

Vocês vêm para essa Terra para atingir um único objetivo, se conhecer. E nesse processo, os débitos que você acumula não é com os outros, é com você mesmo.

Os laços que vocês estabelecem em vida, são pessoas que de alguma forma são um reflexo de quem você é. E que estão ali para te ajudar a enxergar o que você não consegue ver no próprio espelho. Portanto, quando o outro te agride pela forma como ele vive a sua verdade, isso ocorre apenas porque você está tendo um vislumbre da sua verdadeira essência. Só reconhecemos aquilo que vivemos.

O que vocês esquecem de colocar na história entre encarnação e encarnação, é que quando vocês saem da carne, vocês terão todos os conhecimentos, de todas as suas existências.

Reencarnar é como aprender a andar. Quantos tombos precisamos para aprender como dar o primeiro passo? Por acaso ao cair a primeira vez, na próxima tentativa você sairá andando?

Se reencarnar é como aprender a andar, você vai precisar criar novamente a coragem de dar o primeiro passo, mesmo sabendo o quanto dói cair. E enquanto você não tiver essa coragem, você nunca vai evoluir na sua trajetória.

O problema é que o tempo passava e cada vez mais gente precisava aprender, então aconteceu tudo que está na história de vocês: guerra, morte, doença e destruição. Quantas almas não tinham como caminhar, olha a diferença entre o tanto que morreu e o tanto que ficou vivo. Quantas dessas coisas tem se repetido na história do universo?



O universo aprende com a própria história e por isso se iniciou as manifestações espirituais, pois entre o desencarne e o novo encarne, de acordo com o evolutivo de cada ser, você pode trabalhar também no âmbito espiritual, pois nesse momento você tem toda a sabedoria necessária para orientar aqueles que estão em terra.

Nós, espíritos, evoluímos no trabalho dentro da Umbanda, porque sem o peso e máscara da pele que nos acompanha durante a vida, aprendemos quem nós somos de verdade. Eu perco o medo da vida, porque eu entendo quem eu sou e meu ensinamento pode não ficar na memória ativa, mas fica na essência, trazendo um conhecimento ancestral, um conhecimento que está escondido na nossa alma.



CAMINHE ENTRE A FÉ E A CIÊNCIA E A VERDADE TE LIBERTARÁ

Disse uma vez Maria Mitchell (1818 – 1889), a primeira astrônoma norte-americana e primeira mulher a ser nomeada para a Academia Americana de Artes e Ciências: “As investigações científicas revelam novas maneiras com as quais Deus trabalha e nos trazem revelações mais profundas do totalmente desconhecido”.

A religião e a ciência brigam entre si por séculos, criando uma barreira entre duas potências que facilmente se completariam se cada qual respeitasse seu campo de atuação, se apoiando em suas contribuições e compreendendo suas limitações.

Quanto formação religiosa a Umbanda tem a fé como sua fonte condutora do saber no que tange as suas doutrinas e ritualísticas, entretanto, o conhecimento agregado a prática umbandista na Casa de Mãe Iemanjá provém de estudos embasados numa produção científica que, por sua vez, facilita a conduta do médium e em alguns casos até elucida seus conflitos interiores perante o processo de desenvolvimento mediúnico, afinal, se até na sua busca pela razão, em alguns pontos, se encontra a fé, quem poderá negar a existência do saber espiritual dentro de um racional mais flexível.

O que antes era visto com estranheza, hoje é parte de um processo evolutivo da ciência, um exemplo disso, temos o caso da nova ciência da vida, uma teoria baseada na biologia molecular e que tem se propagado através do renomado biólogo Rupert Sheldrake. No que tange a Casa de Mãe Iemanjá, utilizamos dos estudos de Rupert Sheldrake tanto para o processo de Constelação Familiar (tratamento alternativo) como para compreender as manifestações mediúnicas e nossos laços ancestrais sanguíneos e territoriais.

A primeira diferença entre as práticas da Casa de Mãe Iemanjá e as tantas Umbandas encontradas pelo mundo, está no seu conceito de “Deus”. Não somos uma casa cristã, portanto os dogmas que geraram uma visão de um Deus bíblico, não são os norteadores para a concepção de espiritualidade e fé que envolve os rituais realizados dentro do terreiro. Talvez, seja por isso que nos aproximamos

muito mais do conceito filosófico de um equilíbrio energético criador (ser supremo), do que à uma imagem humanizada de um Deus punitivo.

Outro ponto importante para o desenvolvimento das atividades na Casa de Mãe Iemanjá é que não adotamos ou incentivamos uma prática de fé cega, pelo contrário, ao recebermos da espiritualidade um novo ponto de estudo, buscamos justificativas empíricas e até acadêmicas que possam fomentar a verdade trazida pelo sobrenatural. Pode ser, que tal comportamento, proveniente do coração pesquisador desta autora, seja confundido com a falta de fé, mas isto está longe da verdade. Não questiono a palavra da espiritualidade, apenas me aprofundo nas experiências e conhecimentos do mundo, a fim de aprimorar a minha capacidade de compreensão do saber espiritual, tomando para mim a responsabilidade de tornar tal conhecimento de fácil compreensão para todos os filhos de Martim.

Essa apostila certamente está entre os grandes desafios da minha vida religiosa e por isso, para falar melhor sobre o conceito de que na razão sempre haverá a fé e vice-versa, quero lhe convidar a viajar comigo através de grandes nomes da história acadêmica, que trouxeram contribuições para o nosso conhecimento religioso. O primeiro é Baruch Spinoza (1632 - 1677), um filósofo de origem judaico-portuguesa, nascido nos Países Baixos.



O DEUS SPINOZZA

Segundo o site Só Filosofia (2023):



Deus para Spinoza é o único motivo da existência de todas as coisas. Deus é a substância única e nenhuma outra realidade existe fora de Deus. Deus existe em si e foi gerado por si, para existir ele não necessita de nenhuma outra realidade. A substância divina é infinita e não é limitada por nenhuma outra, ela é a causa de todas as coisas existentes, que por consequência são manifestações de Deus.

Assim sendo, nada existe fora de Deus, e tudo que existe é uma forma de Deus, não como uma criação sem regras ou espontânea, mas seguindo as leis da natureza e respeitando a possibilidade de agir com vontade própria.





Spinoza compreendeu que um dos propósitos da filosofia é esclarecer a identidade existente entre nossa mente e o conjunto de todas as coisas da natureza. Para ele *essa identidade somente vai acontecer quando conhecermos a nós mesmos e somente assim, conhecermos também a natureza.* O conhecimento da natureza se dá quando entendemos a essência dos objetos ou da sua causa mais próxima.

O filósofo estudou o homem e sua condição política, religiosa e moral. Para ele o ser humano é desprovido de vontade, como tudo procede de Deus, tudo também é determinado por Ele. Nós nos julgamos livres porque temos consciência da nossa vontade e achamos que é ela que nos guia, mas quem determina essa vontade é Deus.

Pensar que Deus criou as coisas com algum objetivo, como o de que os homens lhe agradem, é o mesmo que dizer que Deus tem necessidade do agradecimento dos homens, e isso é tornar Deus imperfeito. *Na natureza tudo é perfeito, pois tudo vem de Deus e é parte dele.* Seguindo esse raciocí-

nio, Spinoza descarta a possibilidade da existência de milagres, pois se a natureza é divina e perfeita, qualquer mudança na natureza vai contra a perfeição divina. *O milagre é simplesmente um acontecimento natural do qual não conhecemos as causas.*

Tudo o que existe tem propensão a se manter existindo como o que é e essa é a essência dos seres em geral.

O direito natural é para o filósofo as normas que dirigem a natureza. As regras através das quais a natureza se ordena estendem-se até o limite do seu poder. Se o homem seguir as leis da natureza, estará seguindo também as leis de Deus.

A fé é submeter-se à vontade de Deus, fé é ter uma conduta de obediência.

Sendo assim, a priori deve-se entender: que o conceito de Deus de Spinoza nada tem a ver com o Deus das religiões, e, sua principal diferença com o que afirmam alguns conhecedores, de ser um teísmo ou panteísmo, é o fato de que a substância componente do conceito de *Deus de Spinoza não é corpórea, a união universal da matéria, não se dá por forças sobrenaturais e inexplicáveis, mas sim um conjunto de causas e efeitos (dito como conjunto infinito das causas e efeitos).* O Universo nesse caso possui uma natureza própria (o que é óbvio para todo cientista), e o Deus de Spinoza é o nome que o filósofo deu para essa natureza.



Apesar de todo o trecho ser profundamente interessante e por isso, ser capaz de plantar em nossos corações questionamentos profundos, acredito que algumas frases deste texto em especial merecem uma atenção mais profunda, pois abordam dúvidas constantes no processo de desenvolvimento mediúnico, são elas:

“Nós nos julgamos livres porque temos consciência da nossa vontade e achamos que é ela que nos guia, mas quem determina essa vontade é Deus. Apenas seguindo as leis da natureza e respeitando há possibilidade de agir com vontade própria.”

Tema abordado em diversas religiões, o livre arbítrio é um dos grandes mistérios de Deus, entretanto, com a visão do filósofo Spinoza, conseguimos uma definição bastante sólida para a ideia de uma encarnação voltada a execução de uma missão, mas ao mesmo tempo envolta no livre arbítrio.

Em outras palavras, **temos liberdade de escolha, pois a verdadeira vontade é proveniente do nosso ser desperto, ou seja, desencarnado e consciente de nossos limites e desafios**, um ser ainda portador de uma visão holística de nossa presença no universo e como individualmente somos uma ferramenta para o evolutivo do todo, ou seja, planetário, universal, social e individual.

É como o próprio filósofo elabora em sua tese: “tudo que existe é uma forma de Deus”, então **a vontade de Deus é a nossa vontade e por isso ela faz parte das leis da natureza**, transformando tudo aquilo que não está dentro dessa missão em algo passageiro e que não poderá ser cultivado por toda a existência.

A aceitação dessa verdade está intimamente ligada a segunda frase e ao princípio do desenvolvimento na Umbanda: o autoconhecimento.

“Essa identidade somente vai acontecer quando conhecermos a nós mesmos e conhecermos também a natureza”

Muitas vezes os médiuns perguntam como poderão passar por determinados processos dentro do desenvolvimento mediúnico e se frustram com uma única resposta: autoconhecimento.

Se conhecer antes de mais nada é respeitar sua unidade, é aceitar que: “nada existe fora de Deus, e tudo que existe é uma forma de Deus”. Então, não há espaço para medos ou julgamentos sobre a perfeição.

O medo do autoconhecimento é, na verdade, fruto da vergonha imposta a nós desde a nossa infância, pois infalivelmente vamos descobrir que temos pontos negros, sombras dentro do nosso ser. Entretanto se tudo é parte de Deus, até

mesmo o nosso lado mais obscuro é perfeito.

Sem autonehcimento não há equilíbrio, ou até mesmo o ato de religar ao divino, afinal esse divino habita dentro de você e para reconhecê-lo é preciso ter coragem de olhar para si. Em consequência, mediunicamente, somos nós quem abrimos a porta para que a espiritualidade possa atuar em nossas vidas, porém, para isso é preciso tirar todo o entulho de verdades, preconceitos e medos que colocamos a frente da porta e permitir que a verdade passe.



“A fé é submeter-se à vontade de Deus, fé é ter uma conduta de obediência.”

A fé não combina com a imposição, mas sim com a conscientização de que é preciso fé e persistência para se chegar a qualquer lugar. Os obstáculos do seu caminho continuarão onde estão, e os desafios ainda serão os mesmos, mas se você estiver fortalecido na fé, não perderá o seu equilíbrio e nem se perderá da sua crença.

Creio que quanto maiores forem os avanços sociais, maiores serão os desafios éticos e portanto, mais necessitaremos da fé. Em contrapartida, diversos rituais que um dia foram fundamentais para a crença, hoje perdem a sua força e até posição perante uma sociedade digitalizada e cada vez mais populosa.

No que tange a Umbanda, por exemplo, a colheita de ervas frescas é algo cada dia mais complexo por uma questão de espaço e nova orientação geográfica. O mesmo ocorre com ideia de entregar os trabalhos nos pontos de força, ou até de fazer um recolhimento para a consagração dos filhos. O ritmo atual é muito mais acelerado

do que um dia já foi e isso nos priva, entre muitas outras coisas, das reflexões essenciais para a fé.

“Tudo o que existe tem propensão a se manter existindo como o que é e essa é a essência dos seres em geral.”

Se nossa existência não pode ser apagada, se temos a propensão de continuar a existir, então, neste trecho falamos de dois pontos importantes: imortalidade do ser (mundo espiritual, reencarnação, energia) e também um conceito recente na ciência, os campos morfogenéticos, estudo pertencente ao biólogo Rupert Sheldark.

Indiferente da crença na reencarnação ou não é fato de que **nossa contribuição para o nosso entorno e mais profundamente para o universo é única e permanente.** Quanto seus pais lhe ofereceram de suas crenças e verdades? Quanto absorvemos no processo de crescimento e amadurecimento e por fim, quanto de tudo isso deixamos para a sociedade?

Somos o movimento vivo do universo, a evolução em constante evolução e por isso, dentro de ciclos infinitos, continuaremos a fazer parte desse plano, ainda que seja através de nossos conhecimentos, ou herdeiros ou até mesmo da espiritualidade.

Se tudo isso ainda não lhe convenceu que o deus de Spinozza é a divindade mais próxima ao contexto de divino da Umbanda que tocamos aqui em casa, deixarei uma última reflexão aqui, de autoria desconhecida:



Pára de ficar rezando e batendo o peito! O que eu quero que faças é que saias pelo mundo e desfrutes de tua vida. Eu quero que gozes, cantes, te divirtas e que desfrutes de tudo o que Eu fiz para ti.

Pára de ir a esses templos lúgubres, obscuros e frios que tu mesmo construístes e que acreditas ser a minha casa. Minha casa está nas montanhas, nos bosques, nos rios, nos lagos, nas praias. Aí é onde Eu vivo e aí expresso meu amor por ti.

Pára de me culpar da tua vida miserável: Eu nunca te disse que há algo mau em ti ou que eras um pecador, ou que tua sexualidade fosse algo mau. O sexo é um presente que Eu te dei e com o qual podes expressar teu amor, teu êxtase, tua alegria. Assim, não me culpes por tudo o que te fizeram crer.

Pára de ficar lendo supostas escrituras sagradas que nada têm a ver comigo. Se não podes me ler num amanhecer, numa paisagem, no olhar de teus amigos, nos olhos de teu filhinho... Não me encontrarás em nenhum livro! Confia em mim e deixa de me pedir. Tu vais me dizer como fazer meu trabalho?

Pára de ter tanto medo de mim. Eu não te julgo, nem te critico, nem me irrita, nem te incomoda, nem te castigo. Eu sou puro amor.

Pára de me pedir perdão. Não há nada a perdoar. Se Eu te fiz... Eu te enchi de paixões, de limitações, de prazeres, de sentimentos, de necessidades, de incoerências, de livre-arbítrio. Como posso te culpar se respondes a algo que eu pus em ti? Como posso te castigar por seres como és, se Eu sou quem te fez? Crês que eu poderia criar um lugar para queimar a todos meus filhos que não se comportem bem, pelo resto da eternidade? Que tipo de Deus pode fazer isso?

Esquece qualquer tipo de mandamento, qualquer tipo de lei; essas são artimanhas para te manipular, para te controlar, que só geram culpa em ti.

Respeita teu próximo e não faças o que não queiras para ti. A única coisa que te peço é que prestes atenção a tua vida, que teu estado de alerta seja teu guia.

Esta vida não é uma prova, nem um degrau, nem um passo no caminho, nem um ensaio, nem um prelúdio para o paraíso. Esta vida é o único que há aqui e agora, e o único que precisas.

Eu te fiz absolutamente livre. Não há prêmios nem castigos. Não há pecados nem virtudes. Ninguém leva um placar. Ninguém leva um registro. Tu és absolutamente livre para fazer da tua vida um céu ou um inferno.

Não te poderia dizer se há algo depois desta vida, mas posso te dar um conselho. Vive como se não o houvesse. Como se esta fosse tua única oportunidade de aproveitar, de amar, de existir. Assim, se não há nada, terás aproveitado da oportunidade que te dei.

E se houver, tem certeza que Eu não vou te perguntar se foste comportado ou não. Eu vou te perguntar se tu gostaste, se te divertiste... Do que mais gostaste? O que aprendeste?

Pára de crer em mim - crer é supor, adivinhar, imaginar. Eu não quero que acredites em mim. Quero que me sintas em ti. Quero que me sintas em ti quando beijas tua amada, quando agasalhas tua filhinha, quando acaricias teu cachorro, quando tomas banho no mar.

Pára de louvar-me! Que tipo de Deus ególatra tu acreditas que Eu seja? Me aborrece que me louvem. Me cansa que agradeçam. Tu te sentes grato? Demonstra-o cuidando de ti, de tua saúde, de tuas relações, do mundo.

Te sentes olhado, surpreendido?... Expressa tua alegria! Esse é o jeito de me louvar. Pára de complicar as coisas e de repetir como papagaio o que te ensinaram sobre mim. A única certeza é que tu estás aqui, que estás vivo, e que este mundo está cheio de maravilhas. Para que precisas de mais milagres? Para que tantas explicações?

Não me procures fora! Não me acharás. Procura-me dentro... aí é que estou, batendo em ti.





O DEUS DA CIÊNCIA

Entre os muitos cientistas que colaboraram com estudos que podem complementar a vivência religiosa mediúnica, Albert Einstein (1879-1955) trouxe uma nova visão sobre o tempo e o espaço através da teoria da relatividade. Dentro deste contexto podemos entender que **a vivência que definimos como tempo não é uma experiência única para todos os seres**, afinal espaço e tempo são subjetivos, ou seja, é próprio do sujeito ou a ele relativo, pertence ao domínio de sua consciência e está baseado na sua interpretação individual, ainda que não seja válido para todos.

A teoria da relatividade se divide em duas:

Teoria da Relatividade Restrita: e a velocidade da luz é uma constante igual para todo o universo. O espaço e o tempo não são grandezas absolutas, mas totalmente subjetivas.

Teoria da Relatividade Geral: a maior diferença em relação à Teoria Restrita é sua percepção sobre o espaço curvo (ou curvatura). Ele constatou que existe uma curvatura que é produzida ao redor dos corpos, sendo esta proporcional à massa do corpo. Assim, ele concluiu que: quanto maior for a massa de um determinado corpo, maior será a curvatura espaço-tempo.

A teoria da relatividade, apesar dos avanços científicos, ainda é a base que mostra **o tempo como uma força não imutável ou linear**. Ela aborda, ainda que através da física, alguns dos pontos relatados no diálogo do Exu Marabô das Almas e traz para o saber espiritual uma base científica, tornando assim, o sobrenatural, ao menos parcialmente, tangível.

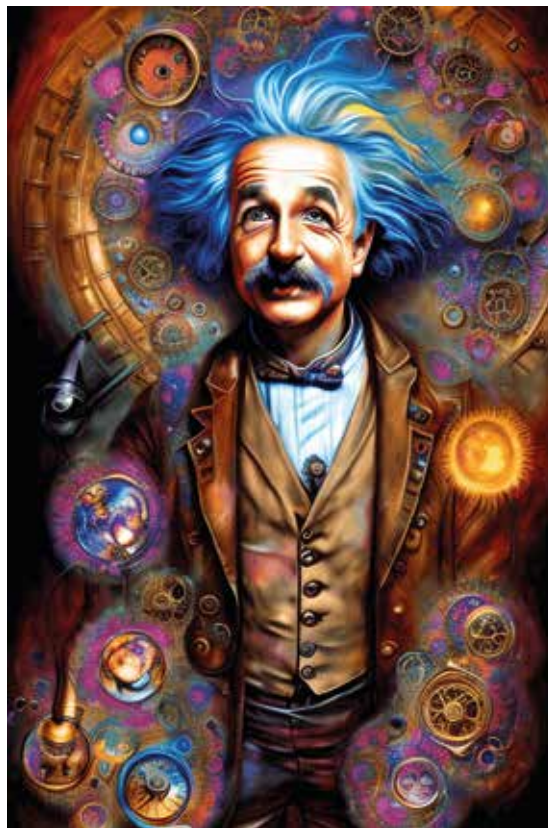
A ideia do tempo se moldar ao objeto e a sua velocidade pode ser uma das muitas verdades que une mundo sobrenatural e material. Sempre ouvi dos guias: “o tempo de vocês encarnados, não é o nosso tempo. A ideia de breve ou distante depende de quem está conduzindo o tempo”. A sabedoria da simplicidade brasileira reproduziu, a mesma definição de Einstein em sua teoria da relatividade restrita, afinal, segundo o cientista: o tempo, que por si é subjetivo, passa mais rápido quando um corpo permanece em inércia, no entanto, este tempo vai diminuindo proporcionalmente à velocidade que um objeto se move. Quando se atinge a velocidade da luz (aproximadamente 1,07 bilhão de Km/h), o tempo simplesmente deixa de passar.

Não tenho intensão em me aprofundar nesse estudo, até porque como boa profissional de humanas que sou, o mais perto que consigo compreender da física quântica, aprendi com o Sheldon e sua teoria das cordas no Big Bang Theory. Ainda assim, entendo após essa visão rasa do tema, que cabem aqui alguns

questionamentos ainda sem resposta: qual o tempo do sobrenatural? Será que vivemos tantas vidas, pois estamos em planos com velocidades diferentes? O quanto que estes planos podem interferir entre si se existissem mutuamente? Somos parte dos multiversos do Flash, vivemos no multiverso da loucura do Doutor Estranho ou é só o universo-aranha?!

Brincadeiras à parte, até pela complexibilidade do tema, mas sei reconhecer quando me deparo a um mistério da fé e certamente o tempo é um destes mistérios que talvez jamais será revelado, até porque: **será que estamos preparados para compreender tais verdade?**

Temos a **necessidade de pertencimento e de imortalidade**, nosso ser, nossa vida precisa valer mais do que uma experiência de aproximadamente 70 anos. Fugimos da solidão da morte, mas imaginar algo tão amplo quanto diversos universos, planos, ou até histórias paralelas pode ser assustador. Afinal, mal conseguimos cuidar de uma única vida.



REFLEXÕES SOBRE O TEMA

Compartilhando um pouco de aprendizado na prática sobre o tema, nos últimos tempos tive a experiência de ser levada durante o sono por meu Exu, o Marabô das Almas, para rever alguns momentos de minhas encarnações, um processo necessário para a compreensão da minha missão.

Particularmente, entendo o quanto afirmar isso é perigoso, pois a imaginação sempre será nossa aliada ou inimiga no que tange a mediunidade. Nosso inconsciente é capaz de pregar peças insanas ao consciente e isso alinhado ao desequilíbrio gera um mundo fantasioso e que em diversas vezes se choca com a espiritualidade. Entretanto, quando a nossa espiritualidade quer se mostrar, ela encontra uma forma e no meu caso, foi bem particular, pois outras pessoas viram os mesmos lugares, tiveram sonhos profundamente significativos e me procuraram para comentar sua experiências em datas próximas a minha vivência. Para o meu coração cético, esse movimento provou que, de fato, esse desdobramento temporal faz parte da minha evolução mediúnica.

Durante essa experiência eu me vi em inúmeras vidas, com roupas que denota-

vam períodos específicos da história e até nacionalidades diversas, por isso, posso afirmar que fui uma pessoa diferente em cada vida, mas sempre carregando uma essência que me fez reconhecer a mim mesma e a outras pessoas nessa viagem. Neste processo reencontrei muitas pessoas, algumas reconheci, outras apenas senti saudades e outras eu demorei muito a entender quem era. Porém depois de alguns meses me peguei com mais dúvidas do que soluções.

Quando iniciei essa apostila e realmente foquei em responder questões que para mim poderiam até então serem definidas como fé, entendi que toda a experiência vivida anteriormente era um caminho traçado para que eu fizesse as perguntas certas e encontrasse as respostas necessárias. Afinal, como seria possível rever tantas vidas em tão pouco tempo da história mundial, principalmente quando algumas se passam entre anos tão próximos? Sinceramente, a única resposta que descarto é que sou evoluída o bastante para ter um desen-carne com regresso a vida rápido!

Especulações sobre o tema não faltam, mas como líder desta casa, não posso me perder nelas, então, apesar de tudo o que sabemos sobre o tempo, neste momento, reduzo esta experiência a fé e um mistério da espiritualidade.

Enfim, voltar-se ao pós vida é desafiador e creio que assim será por um bom tempo.



O TEMPO É UMA CURVA

Para falarmos sobre o tempo, primeiro vamos precisar entender o que é o universo. Por um longo período a escola nos ensinou que há três dimensões espaciais – altura, largura e comprimento – e que o passar do tempo nada tem a ver com essas três grandezas. Mas isso é só parte da verdade. Segundo a revista Ciência Hoje (2023) o espaço está irremediavelmente associado ao tempo, em um mundo quadridimensional. Essa realidade, comprovada através da Teoria da Relatividade de Einstein, se tornou a base para novas teses que apontam para a probabilidade de haver muitas outras dimensões.

A ideia de muitas dimensões fomenta a visão de hierarquia e planos astrais apresentadas pelo Exu Marabô das Almas no ano de 2019, durante algumas conversas com os filhos do terreiro. Segundo esta Entidade:



No plano espiritual em que atuam as Entidades de Umbanda não há necessidade de uma divisão de hierarquia para estabelecer os mais fortes e os mais fracos, ao contrário, os espíritos mais estáveis entendem que a sabedoria e o equilíbrio determinam por si qual será a sua posição dentro deste espaço astral. Por isso, todo o trabalho realizado dentro desta esfera religiosa está ligado à autorrealização e a evolução do ser.

Pelas relações que vocês estabelecem durante a vida neste planeta, é muito difícil de compreender uma sociedade pautada na sabedoria, pois nesse período da existência dos homens, os seres ainda estão muito apegados as necessidades do poder para estabelecer seus domínios. Porém, quando nos desprendemos da matéria, finalmente entendemos que o único domínio que somos capazes de deter é o nosso próprio evolutivo, a nossa essência e aquilo que entregaremos ao universo durante a nossa existência.

Essa incompreensão da estrutura espiritual que compõe a Umbanda, em partes, é fruto de uma necessidade característica da encarnação, pois quando envoltos pela matéria corpórea a ideia de aprisionamento se torna mais forte na essência de todos os espíritos e vocês sofrem pela necessidade do ter, se tornando devoradores gananciosos de tudo que traz algum tipo de prazer a existência de vocês. Sugam a vida daqueles que amam, sugam a energia das pessoas com quem convivem, sugam as forças da natureza.

Quando a Umbanda surgiu foram separados diversos espíritos em grupos, cada qual com a mesma essência a ser curada, ou seja: os guerreiros que tiveram seus dias ceifados muito cedo, os homens que morreram escravos, as mulheres que tiveram seus direitos calados, as crianças que não puderam brincar, os religiosos que se esqueceram da fé, os aventureiros que perderam o amor, e muitos outros que compunham cada tipo de pessoa e a história dessa terra.

A necessidade da Umbanda surgiu porque os anos podem passar e mudar o jeito de fazer as coisas ou até as imagens ao nosso redor, mas as cicatrizes que compõe nossa história, silenciosamente são passadas de geração em geração, criando um ciclo de dores e repetições de erros que apenas o trabalho espiritual era capaz de conduzir de forma diferente.

Assim como a terra guarda a sua história, os homens guardam as suas heranças e para o povo dessa terra, pouco se herdava em dinheiro, por outro lado, o ódio, preconceito, dores e até arrependimentos estavam impregnados no chão, nas paredes das senzalas que ainda hoje guardam gritos de dores daqueles que não se libertaram dos horrores de suas mentes.

Era preciso libertar os elos mais pesados que ligavam esses espíritos as encarnações que eles viveram nesse chão, a fim de melhorar a densidade vibracional dessa terra. Esses são os objetivos das linhas de trabalho da Umbanda: proporcionar aos desencarnados a oportunidade de um resgate mais equilibrado, estabelecendo uma relação de zelo e crescimento conjunto. Isso é possível porque as entidades através de uma consciência mais ampla sobre as suas responsabilidades com o outro, estabelecem elos perdidos em encarnações anteriores e ao mesmo tempo, possibilitam uma visão mais profunda sobre o pós vida.

Assim como foram trazidas para cá (Brasil) pessoas de muitos lugares do mundo, a energia cósmica que envolve as ritualísticas da Umbanda foi e é absor-

vida de muitas culturas diferentes e por isso sua prática é tão diversa e tão rica, a ponto de se tornar incompreendida se vista apenas de forma racional.

Entender o sobrenatural não é missão para uma vida, foi justamente na tentativa de traduzir o saber espiritual, que muitos homens fragmentaram os mistérios da Umbanda e ocuparam os espaços vazios com as suas verdades, formando assim não uma corrente, mas nações prontas a guerrear pela posse do sagrado.

Apesar disso, no âmbito espiritual, não há entre as diversas entidades, sejam elas da Umbanda ou outra religião o conflito vivido na Terra. Ao contrário, o respeito é a principal fonte de luz que envolve a todos os trabalhadores astrais e para entender isso, o primeiro passo é compreender que não existe plano superior ou inferior, mas sim planos de maior e menor densidade energética.

Entre os muitos planos em que os seres habitam, apenas aqueles que estão repletos de matéria podem ser considerados os mais densos de todos, afinal, nada é mais denso do que o corpo material. Por isso eu posso afirmar que o mais perdido dos Eguns é mais leve energeticamente do que o melhor dos homens encarnados.

O que vocês sentem quando uma energia se aproxima não é a sua densidade, e sim a sua emoção, ou seja, quando desencarnados, emanamos exatamente aquilo que nutrimos como verdade dentro do nosso ser. Se você acaso cruzar com um antigo amor desencarnado e ainda tiver algum elo com esse espírito, algum conflito sobre a sua vivência com ele, sentirá a saudades, sentirá a separação, sentirá a ausência.

Novamente a arrogância humana se sobressai a sabedoria, pois sem o autocohecimento para entender a onda de emoções que se absorve através do elo estabelecido com esse espírito, muitos umbandistas dizem que o ambiente está carregado. Engano seu! Quem está carregado de todas essas emoções é justamente a sua alma, que reconhece a afinidade estabelecida entre você e o espírito ali presente.

Quanto as Entidades da Umbanda, elas estão divididas em uma hierarquia de afinidade com cada um dos seres humanos. Não há uma linha para cima ou para baixo, mas sim, correntes que envolvem a todos os seres, conforme a sua afinidade energética e até elo espiritual. Sendo assim, é impossível definir qual é a linha mais forte ou mais fraca, ou quem está mais próximo de Deus. Não existe uma ordem pré-definida, existe uma organização estabelecida por equilíbrio e sabedoria e neste contexto, cada ser humano tem uma necessidade e uma ligação diferente com os Guias que atuam na sua Linhas de Trabalho.

Cada local reconhecido como uma colônia espiritual na Umbanda: Jurema, Humaitá, Calunga, Aruanda... e tantos outros, são na verdade, espaços que recebem determinados espíritos, conforme sua vibração original e proporcionam os conhecimentos e equilíbrio necessário para que este ser possa se desenvolver e escolher com clareza qual será a sua direção no pós vida, por isso, não há entre eles nenhum tipo de relação que determine uma hierarquia de poder.

Voltando a nossa visão mais acadêmica, a verdade é que ciência e humanidade evoluem em conjunto e por isso, a cada novo campo acadêmico que se abre, novas teorias ganham espaço para sua expansão. E esse é o caso da Biogenia.

A Biogenia é um conceito relativamente novo no âmbito acadêmico e que está

associado a biogênese. Em linhas gerais trata-se da ciência da vida em suas extensões filosóficas, políticas, sociais, espirituais e na conquista da saúde.

A fim de compreender um dos temas mais controversos da história da ciência: o tempo, o site Movimento e Essênio Biogênico abordou a seguinte teoria:



Às três dimensões do espaço, que tantos enganos e erros provocam em nossos julgamentos da realidade, por isso foi acrescentada uma dimensão: o Tempo. Toda a física moderna da Relatividade se apoia na quarta dimensão e afirma que a matéria não pode ser concebida sem o seu componente temporal.

A física moderna afirma que o Tempo é Curvado. Isso significa que ele é um círculo. Não é uma linha estendida do passado para o futuro, mas uma linha que se inclina sobre si mesma e retorna ao mesmo lugar. O passado está assim, vivo em nós. Ele nos rodeia inteiramente – não é um caminho perdido ao longe. Qualquer coisa que você faz agora altera o passado, tanto quanto o futuro. Cada ato vibra através de todo o Corpo-Tempo e muda coisas nele.

É preciso dizer que só verdadeiras ações mudam o passado e o futuro, enquanto que as reações, as quais são quase a totalidade dos movimentos inconscientes da vida, a nível de simples atos automáticos, como os de uma máquina, não mudam nada. O 'presente' não está mais confinado ao instante – mas se expande gradualmente dentro de toda a sua vida, quando a consciência se amplia". (MOMENTO E ESSÊNIO BIOGÊNICO, 2023)

As consequências de começar a repensar a vida, cada acontecimento que nos chega, levando em conta que o Tempo é um círculo, que tudo retorna, que o passado está vivo em nós e pode ser resgatado e não está perdido e que ele será o nosso futuro e, que o futuro será, também o nosso passado, nos traz uma outra responsabilidade e comprometimento.

Falamos aqui de ressignificar nossa vivência, nossa experiência e nossa leitura da vida. Não há como fugir de viver a nossa vida, mas somos convidados a vive-la de uma nova e melhor maneira.



TEORIA DO DESDOBRAMENTO DO TEMPO

Confirmada matematicamente a teoria do desdobramento do tempo foi desenvolvida por Jean Pierre Garnier Malet, premiado por esta teoria após publicação no Instituto Americano de Física em 2006, e trata da perspectiva de que nós existimos também em tempos subliminares que não são processados pelo cérebro consciente.

De acordo com essa teoria para cada pessoa há um "eu quântico" que viaja por

aberturas temporais, vivenciando experiências sem a prisão do espaço-tempo.

Quando falamos em desdobramento do tempo falamos sobre os futuros possíveis que já estão sendo vivenciados fora do espaço-tempo. Portanto a atualização de uma realidade para outra depende somente de uma correção de percepção, ou seja, da nossa percepção sobre a realidade consciente atual para outra mais favorável.

Segundo o blog DESPERTA LUZ (2023):



O desdobramento do tempo acontece naturalmente durante o sono, nos períodos REM. Esse é um dos motivos pelo qual é importante cuidar dos pensamentos e sentimentos antes de dormir. A última informação que nosso cérebro registra antes do sono influencia o eu quântico na abertura temporal. Quando dormimos preocupados, tristes, pensando nos problemas, o nosso futuro é atualizado para justificar tais pensamentos, pois o eu não-local não avalia o teor dos pensamentos emitidos.

Ao contrário, se pensamos e sentimos nossos sonhos e padrões que gostaríamos de manifestar, almejando um ser alegre, confiante, no qual a vida flui com facilidade, atualizamos a realidade para essa perspectiva.



Uma prática comum ao desdobramento temporal é a meditação.



A EVOLUÇÃO NA FÉ NÃO É UMA LINHA RETA

Um ser humano, disse Albert Einstein, é uma parte deste todo que chamamos de universo, uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele concebe a si mesmo, suas ideias e sentimentos como algo separado de todo o resto. É como se fosse uma espécie de ilusão de ótica da sua consciência.

Essa ilusão é um tipo de prisão para nós, restringindo-nos aos nossos desejos pessoais e reservando a nossa afeição a algumas poucas pessoas mais próximas da gente. Ele também nos incentiva a rompermos essas amarras ilusórias e restritivas com o seguinte conselho: “O ser humano deve se libertar da prisão e ampliar o círculo de compaixão de

maneira a abranger todas as criaturas vivas e toda a natureza em sua beleza”. Portanto, trabalhar com as energias é uma forma de expansão, uma maneira de estar ligado ao Todo. (SOMOS TODOS UM, 2023)

Sendo a Umbanda uma religião diversa e espiritualista, ou seja, uma corrente filosófica que crê em uma energia criadora suprema, na alma, na imortalidade do ser, nos princípios morais e espirituais, é compreensível que suas bases de conhecimento sejam fruto da mescla entre muitas verdades que compõe os dogmas de outras religiões.

O que em grande parte das vezes é a origem das críticas contra a prática umbandista, segundo orientação do Exu Marabô das Almas que atua na Casa de Mãe Iemanjá, é justamente o caminho para que possamos nos enxergar enquanto seres divinos e de forma mais holística. Sendo assim, estamos livres para buscarmos o melhor que pudermos encontrar dentro de cada seguimento religioso e, neste momento, no que tange a nossa fé, usaremos um dos conceitos que envolvem a prática do budismo de Nitiren Daishonin para melhor defini-la: a fé de água corrente e a fé do fogo ardente.

Segundo o site Eu sem Fronteiras (2023) ter uma fé de água corrente — contínua, ininterrupta — é mais importante do que ter uma fé de fogo ardente, aquela que queima com intensidade, mas que depois de algum tempo se apaga com as chamas.

Na Casa de Mãe Iemanjá, assim como no budismo Nitiren, ter uma fé e práticas de água corrente significa ser uma pessoa que nunca desiste diante das dificuldades e obstáculos. Já no que tange ao fogo, ele queima e naturalmente termina em algum momento.

Dentro do terreiro sempre nos deparamos com muitos desafios, e às vezes, dentro da nossa ignorância entendemos esses contratempos como falta de equilíbrio, mas não se engane. **Nada dentro da espiritualidade ocorre por mera ocasionalidade.**

Se para sermos bons médiuns precisamos nos lapidar e abandonar os conceitos, verdades e convicções que nos cercam, o conflito se tornará necessário para essa evolução, pois como já foi dito anteriormente: ideias vivas promovem nossa evolução pessoal e toda ideia viva surge de situações que nos levam a um novo ângulo, ou seja, **precisamos ser empurrados para fora de nossa zona de conforto.**

Quando praticamos uma fé de fogo ardente, depositamos de forma precipitada,



imposições sobre a manifestação de nossa fé e da fé do outro. Sendo assim, não nos fortalecemos quanto médiuns ou umbandistas, apenas incansavelmente nos impomos perante a espiritualidade e na primeira chuva, no primeiro dia cinza vamos apagar.



A BATALHA ENTRE A ARROGÂNCIA E A FÉ

Um dos principais vilões da prática mediúnica é a arrogância. Diversas vezes os médiuns se perdem projetando suas ideias sobre as incorporações.

O que não falta nas Umbandas, seja o terreiro do tamanho que for, são personagens com histórias dignas das páginas de um romance, assumindo o papel de “Entidade”. Às vezes, quanto dirigente espiritual, chego a me perguntar em qual egrégora trabalham os brasileiros comuns, aqueles que não tem histórias incríveis, mas tem muita sabedoria para oferecer aos demais.

Dentro da psicologia, existe um estudo chamado: o efeito de Dunning-Kruger. Nele entendemos que basicamente, **peças que se apresentam extremamente confiantes sobre as suas habilidades ou conhecimentos, na maioria das vezes estão erradas quanto a avaliação que fazem de si mesmas**. Porém, esse efeito também pode ser observado quando alguém que realmente possui uma habilidade ou conhecimento excepcional se questiona sobre se realmente é tão bom assim como dizem, ou como um dia pensou ser.

Ao traçarmos um paralelo entre este estudo e o desenvolvimento mediúnico, é possível identificar de forma mais acadêmica, o principal medo e falha que as pessoas podem cometer quando se trata da prática umbandista, afinal **quem sabe tudo, nada está disposto a aprender e quem não se sente capaz, jamais se permite evoluir**. Charles Darwin (o pai da teoria da evolução) por exemplo, já abordava a relação entre ignorância e confiança ao dizer que **“A ignorância gera mais frequentemente confiança do que o conhecimento: são os que sabem pouco, e não aqueles que sabem muito, que afirmam de uma forma tão categórica que este ou aquele problema nunca será resolvido”**.

Muitas vezes estamos tão imersos na inércia do cotidiano, e tão acostumados com as pessoas à nossa volta, que os nossos parâmetros de conhecimento sobre algo, ou até mesmo a maneira como estamos acostumados a agir, ficam afetados, e sem perceber podemos acabar por enviesar nossa maneira de sentir e perceber o mundo. Qual o perigo disso? Fanatismo!

Já tentou explicar para um fanático que sua verdade não é absoluta? Como podemos aprender se tivermos um comportamento fanático? Aprender exige o questionamento, seja ele interno ou externo.



O ELO ESPIRITUAL QUE EXISTE NA MEDIUNIDADE

A mediunidade não é um evento aleatório, existem elos e também objetivos que estão atrelados a manifestação mediúnica e aos espíritos que dela se utilizam para reequilibrar as forças astrais. Reconhecer a si mesmo e também aprender a aceitar a atuação dessas manifestações é fundamental para o caminho da harmonia entre mente, espírito e corpo.

Sobre este tema, o Exu Marabô das Almas declarou:



Quando você se formou da matéria cósmica há incontáveis anos atrás, veio para este plano para aprender a ser humano e para que isso fosse possível, você mesmo se desafiou a provar a sua essência, lá no começo da história da sua alma.

Essa prova exigia valores necessários para se construir uma comunidade, porque vocês não nasceram para a solidão, essa é a segunda lição dos cosmos: vocês desejam o mundo aos seus pés e se esquecem que o sol é o ser mais brilhante e o mais solitário dentro do sistema solar.

Como se forja valores no vazio absoluto? É através do convívio, de cada enfrentamento, de cada paixão, de cada lamúria e de cada alegria. Porém, com o tempo, vocês foram se perdendo da essência do Criador e se enchendo de sentimentos mesquinhos. Vocês baixaram a vibração, por pura ganância de poder.

Por isso, até hoje, no caminho espiritual, esse continua sendo o principal inimigo de vocês: a vaidade. A vaidade humana afastou toda energia do equilíbrio que se imaginava existir.

Se o universo sabia disso? Com certeza! Afinal o crescimento só acontece através do caos, pois é o caos que gera a vida.

Com o tempo vocês perceberam que precisavam evoluir e cada vez que voltavam ao plano espiritual, vocês se arrependiam de ter se entregado a maldade, a vaidade... e tentavam de novo, de novo... aumentando o número de laços em cada encarnação, aumentando o número de acertos e erros.

Uma coisa é verdade, vocês são os donos de si e, por saberem exatamente qual a sua necessidade de lapidação, se cercaram dos ciclos de espíritos que irão auxiliar na evolução de vocês, quem encarna com vocês, tem a missão de auxiliar nesse processo, mas tudo nasce do caos, para depois encontrar a ordem, por isso, sempre haverá conflitos a serem resolvidos.

A evolução está no caos e não na ordem, pois a ordem é o resultado da evolução. Caos e ordem são forças que se equilibram, uma não existe sem a outra.

Como a evolução faz parte de um ciclo, vocês conseguem inconscientemente acessar aquele tempo que passou e ver um chão simples, de onde a promessa através da espiritualidade se iniciou, a promessa de cuidar do outro se iniciou, a promessa de zelar por um chão se iniciou... e ainda podem ver aquilo que não aconteceu no tempo de vocês, pois evoluir é reconhecer os ciclos vividos e encontrar as semelhanças que indicam o caminho de nossa existência.

Os sinais são constantes, nossa essência é como um rio que busca a evolução.

Então por que ainda assim não a encontramos? O que atrapalha o crescimento de vocês é o medo do desconhecido, por isso, mesmo que entendam que algo esteja errado, vocês preferem olhar para o passado do que enfrentar um futuro incerto e, assim, ficam estagnados sobrevivendo enquanto deveriam viver intensamente cada dia.

Seria muito cruel se existe apenas um plano espiritual. É preciso que haja um pertencimento quanto ao universo em vida e após ela. Então como é possível que tantas visões diferentes de vida após a morte se concretizem? Lembrem-se que vocês são parte da matéria que criou a vida, vocês nasceram a partir dela e, portanto, toda a capacidade de criação habita dentro de vocês. Se tiverem o desejo de criar algo, aquilo será criado, dentro ou fora dessa matéria.

Ainda encarnados, por terem recebido o sopro de vida, vocês são capazes de criar as coisas em que acreditam. Isso é o que nas religiões normalmente chamam de milagre. Então, se um grupo de pessoas começam a imaginar um lugar especial para todos aqueles que morrem com alguma deficiência na matéria, logo no universo, haverá um local em algum plano que terá todas as características de um hospital e as pessoas que auxiliaram nessa projeção astral, por sua fé, ao desencarnarem irão justamente para esse local.

Vocês vão desencarnar agarrados nas verdades que aprenderam em vida. Então vão recobrar a consciência quando desencarnados e cada um de vocês, até se reequilibrar precisam viver as verdades da carne, para depois ter o conhecimento do mundo e então aprender do universo. Não se pode pular de um lugar para outro.

Nesse momento a vida de vocês podem ser vistas de forma holística, completa, nos permitindo escolher o que em cada vivência será nosso direcionamento nesse momento. Por exemplo, nesta vida você é umbandista, mas será que foi assim em todas elas? Quais energias do universo completam a sua essência de forma mais harmônica? Esse será o seu momento de escolha, o universo é justo e a escolha só ocorre quando você tiver o conhecimento de tudo.



Ao saímos da matéria podemos enxergar a nossa essência, entendemos nossas escolhas de forma mais profunda e os desafios vividos em vida se tornam mais claros, entretanto isso não irá determinar o lugar para onde iremos, o certo ou o errado. Um religioso pode ter vivido dias santos na terra e ter uma essência que o atormenta e um ladrão pode ter vivido em conflito toda a vida e se aceitar por ser quem é. O autoconhecimento é o caminho para a aceitação e não para a punição ou perdão.

Os nomes dos planos mudam, mas na verdade são muito parecidos entre eles. Se temos tanta vivência de tantas encarnações, seria injusto prender o espírito durante o pós-morte em apenas um destes planos, sendo assim, a migração entre esses campos é possível e até normal.

O que determina como viveremos no pós-morte é a nossa capacidade criativa e a consciência, nossa visão individual perante nossas atitudes. O conhecimento existe, mas nós decidimos como vamos usar.



MEDIUNIDADE E SEUS MISTÉRIOS



As relações entre os mundos visível e invisível podem ser ocultas ou latentes, espontâneas ou provocadas. Os Espíritos atuam sobre os homens ocultamente, sugerindo-lhes pensamentos e influenciando-os, de modo perceptível, por meio de efeitos apreciáveis aos sentidos.

As manifestações espontâneas se verificam inopinadamente e de improviso; produzem-se, muitas vezes, entre as pessoas mais estranhas às ideias espíritas, as quais, não tendo meios de explicá-las, as atribuem a causas sobrenaturais. As que são provocadas, dão-se por intermédio de certos indivíduos dotados para isso de faculdades especiais, e designados pelo nome de médiuns. Os Espíritos podem manifestar-se de muitas maneiras diferentes: pela vista, pela audição, pelo tato, produzindo ruídos e movimentos de corpos, pela escrita, desenho, música etc. (KARDEC, 2019, p. 129 - 130)

Segundo Cumino (2018) o que se convencionou chamar de “mediunidade”, desde a publicação da obra de Allan Kardec, guarda pontos em comum com o Xamanismo e outras experiências místicas, pois se trata de um fenômeno humano que permeia o campo religioso que se repete infinitamente na linha do tempo e espaço.

Manifestações mediúnicas podem ocorrer de forma espontânea e não precisam estar atreladas a nenhum tipo de religião. Entretanto, quando este indivíduo procura compreender o evento sobrenatural que tem vivenciado, acaba em grande parte dos casos, recorrendo a um conceito religioso.

Cada doutrina religiosa entende o processo mediúnico segundo a sua interpreta-

ção do divino, ou seja a sua fé, e, por isso, existem tantas mediunidades e atribuições das mais diversas sobre os eventos proporcionados por essa capacidade de se comunicar com o sobrenatural.

Podemos reconhecer uma mesma manifestação em diferentes religiões e com diferentes definições. E não há erro nisso! Afinal, a prática da fé é um caminho espiritual e não pode ser definido de forma racional.

Como já foi estudado anteriormente a Umbanda descende, em partes, dos conhecimentos provenientes do Kardecismo, herdando, em alguns casos, o entendimento racional que Kardec tinha sobre o mundo dos espíritos.



Pelo pouco que dissemos, pode-se ver que as manifestações espíritas, de qualquer Natureza, nada têm de maravilhoso e sobrenatural; são fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações do mundo visível com o invisível, lei tão natural quanto as da eletricidade, da gravitação etc.

O Espiritismo é a ciência que nos faz conhecer essa lei, como a mecânica nos ensina as do movimento, a óptica as da luz etc.

Pertencendo à Natureza, as manifestações espíritas se deram em todos os tempos; a lei que as dirige, uma vez conhecida, vem explicar-nos grande número de problemas, julgados sem solução; ela é a chave de uma multidão de fenômenos explorados e amplificados pela superstição. (KARDEC, 2019, p.132)

Talvez essa postura Kardecista e mais racional perante o que particularmente, quanto médium, compreendo como sobrenatural e livre, seja a origem da busca quase insana por definições e razões que geram uma série de doutrinações e significados nem sempre alinhadas ao trabalho da espiritualidade na Umbanda, mas muito belas ao preencher as folhas de livros e as telas dos computadores.

O grande empasse sobre a presença do Kardecismo na construção religiosa da Umbanda está relacionada ao racismo e elitismo pertencente a esta doutrina, claro que abordamos isso de maneira generalizada, nos focando apenas nas publicações de Allan Kardec



Assim, como organização física, os negros serão sempre os mesmos; como Espíritos, trata-se, sem dúvida, de uma raça inferior, isto é, primitiva; são verdadeiras crianças às quais muito pouco se pode ensinar. Mas, por meio de cuidados inteligentes é sempre possível modificar certos hábitos, certas tendências, o que já constitui um progresso que levarão para outra existência e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. Trabalhando em sua melhoria, trabalha-se menos pelo seu presente que pelo seu futuro e, por pouco que se ganhe, para eles é sempre uma aquisição. Cada progresso é um passo à frente. (Allan Kardec, Perfectibilidade da Raça Negra. Revista Espírita, abril de 1862.) (CARTA CAPITAL, 2023)

Neste estudo não temos o objetivo de buscar culpados ou até mesmo definir uma religião por seu fundador, até porque, se assim fosse, a Umbanda também

tem seus pontos fracos no que diz respeito a compreensão do espírito e a sua manifestação dentro dos terreiros. Entretanto, mesmo perante a evolução social, a questão da aceitação de certas questões raciais e “evolutivas”, ainda é uma pauta negativa para o kardecismo.



O espírito que se apresenta para o grupo como preto-velho, ou preta-velha e se diz orientador de sofredores e amigo, ou amiga do grupo pode ser levado à sério? Não pode.

Esse espírito pode ser muito bom, mas é muito ignorante. E a nossa tarefa é retirar a ignorância.

O espírito pode chegar porque na Terra ele foi, ele esteve no corpo de um preto-velho. “Aí eu sou um preto-velho”, não irmão, você foi, você agora não tem cor, você superou, essa encarnação foi muito benéfica para você, desenvolveu a sua humildade, mas você agora note, você é um espírito e espírito não tem cor, **você pode reassumir outras encarnações**, então tire da sua mente essa condição de escravo. Então nós deveremos dizer não.

... **E o espírito vai continuar com aquela imantação e não progride.** Acha que para progredir tem que nos fazer favores, porque nós somos branquelas.

... **A nossa mediunidade não é para dar conselhos de amor, de buscar emprego, de resolver problemas pessoas.** Se estas mensagens são verdadeiras, deveria trazer um caráter de identidade. (Trecho do áudio de Divaldo Franco - UMBANDA LIVRE OFICIAL, 2023)

Por pensamentos como estes aqui apresentados que muitos autores umbandistas estão buscando se desvincular da prática kardecista e estruturar uma visão de mediunidade voltada aos terreiros. E isso não seria diferente na Umbanda que a gente toca aqui em casa.

E que tal começarmos pelo processo de desencarne e a vida após a morte?



O DESENCARNE, O BEM E O MAL

A ideia de um **desencarne tranquilo ou não, está ligada ao nosso bom caráter**, ou seja, a aceitação sobre a conduta que tivemos em vida e quais os tipos de ensinamentos e energias que vamos levar dessa existência.



Quando eu desencarnei não carreguei quase nada de arrependimento. Eu fiz muita coisa que nos dias de hoje vocês acham errado, mas nenhuma dessas coisas eram erradas para mim e algumas ainda não são para falar a verdade.

Na minha cabeça tudo era muito claro, eu precisava sobreviver e fiz isso com aquilo que eu tinha, somente eu mesma.

Deixei muita gente para trás e enganei muita gente no meu caminho, eu fui mulher da noite, mas cuidei das minhas meninas para que elas não precisassem aprender nas ruas como eu, em minha casa moravam mulheres fortes e que reconheciam seu valor.

Não carrego nenhuma culpa sobre aqueles que enganei, em verdade, sendo a lei do retorno justa, enganei porque ou eles mesmos se enganavam ou tentavam me enganar. E por isso, vejo que fui apenas uma ferramenta da lei.

Se você pensar bem, não se aplica a lei do retorno sem certas ações que para as pessoas podem parecer injustas, mas que na verdade são realmente o reflexo da mais pura justiça e só mostram que o bem e o mal dividem um espaço dentro de cada um de nós. E vou te dizer uma coisa: quem é muito bonzinho o tempo todo, só está tentando disfarçar as verdades que carrega.

Mesmo tendo um conhecimento maior hoje e depois de ter a oportunidade de rever algumas das minhas escolhas, confesso que não mudaria quase nada. Acho que as escolhas que fiz me formaram quanto mulher, me fortaleceram quanto espírito e hoje eu gosto muito de quem sou.

Quando vocês me olham hoje, não conseguem ter a ideia da pessoa assustada e frágil que eu fui durante alguns dos meus encarnes e como isso sempre me machucava. Quando você deixa a sua verdade para viver a verdade do outro, está matando a sua essência.

Talvez pareça fácil para vocês as escolhas que fiz, mas não foram, eu mesma relutei algumas vezes, entretanto, hoje não me arrependo.

Foram os laços, a convivência, as escolhas que me fortaleceram e se eu não estivesse disposta a ser essa pessoa, acho que teria passado mais



uma encarnação sem grandes avanços.

Falo isso porque nem sempre ajustar suas contas com o passado é algo tranquilo. Pelo contrário, as vezes o ato de amor vem acompanhado de perdas, violência e dores. Muitas vezes ajustar as contas é desapegar e evitar que erros antigos se repitam. Outras vezes seremos as dores que tornarão o outro forte. E raras vezes seremos os grandes amores, pois o amor, quando vivido em equilíbrio, não machuca e, portanto, não virá acompanhado de um acerto de conflitos.

O reencontro com alguns daqueles que deixei para trás até pode sussurar em meus ouvidos sobre histórias que eu não vivi, mas perder tempo se arrependendo das histórias não vividas é como procurar o sol durante a noite.

Hoje eu sou Maria Padilha Cigana das Almas, em minha essência não cabe mais ser apenas Cigana e nem apenas Padilha, sou a mistura de tudo o que represento, de tudo o que vivi. Sou profunda, sou mistério, sou alegria e perigo, mas essa sou eu e sempre serei assim.



CUIDADO COM O FANATISMO

Para Herrero (2006) a fé exige do homem sua personalidade e faculdades mentais e ao se sentir protegido esse indivíduo passa a crer de forma totalmente livre e por isso nenhum argumento é capaz de persuadi-lo, ele se torna cego.

Crer é algo maravilhoso e perigoso ao mesmo tempo. Se a crença pela crença pode retardar o processo evolutivo de um homem, trocar a fé pela razão é abandonar a crítica relacionada as ações no campo religioso e tornar-se um soldado feroz perante qualquer ameaça ou diferença daquilo que se crê, ou seja a fórmula para o fanatismo, pois mesmo perante a religiosidade, é preciso questionamentos que nos direcionem de forma equilibrada e estes questionamentos são fruto da nossa racionalidade.

Dentro da Umbanda e do Espiritismo em geral o conhecimento orientador para a direção e ritualística das instituições voltadas a prática espírita partem dos mentores espirituais responsáveis por essas organizações.

Na Casa de Mãe Iemanjá, por exemplo, essas ordens partem do baiano Martim Pescador. Entretanto, entendo que o baiano Martim Pescador é o porta-voz das orientações, mas que toda a egrégora que trabalha na casa oferta parte de seu conhecimento para que se forme essa base doutrinária, que é viva e se transforma a cada momento.

Aqui começa a se apresentar os perigos do fanatismo, afinal, quando se trata de espiritualidade é preciso transparência e autoconhecimento, já que nos é privado, em grande parte dos casos a visão. Sendo assim, nosso “tato e visão” são apenas a nossa idoneidade sobre o tema e aquele que é fanático, abre mão de si na expectativa de se tornar aquilo que idolatra.

Acreditar em um mundo milagroso ou celestial é uma prática tão antiga quanto a existência do homem. Fenômenos inexplicáveis sempre foram atribuídos a forças maiores, ou seja, ao sobrenatural, e, sendo assim, é correto afirmar que as primeiras ideias espíritas também são um processo associativo entre fenômenos materiais e uma quase irracional explicação, que ainda assim, estava relacionada a um mundo incompreendido pela razão.

Compreendendo que a Umbanda tem como orientador e normatizador as entidades que nela militam e que sua estrutura de culto e processo de aprendizagem é, ao menos inicialmente, oral, segue abaixo um trecho da entrevista realizada com a Baiana Maria Baiana, através de seu médium Pai Lukas d' Oxum, no ano em fevereiro de 2020 para o livro: A Umbanda que a gente toca lá em casa.



Qual a sua visão sobre a coexistência e por vezes as pesquisas que envolvem a religião e a ciência?

A espiritualidade explica aquilo que ninguém entende. Se as pessoas pararem para pensar no mundo de hoje tudo envolve espiritualidade. Eles querendo ou não. Eu vejo a espiritualidade em tudo o que se acredita, até num copo de água.

E a espiritualidade e a ciência já tiveram muito atrito e muita divergência, pela ciência firmar que o certo é só o que penso. E não é. Tem coisas maiores. Isso que vocês vivem é assim [pequeno] no meio de uma imensidão. E quem vai explicar o que está lá fora? O homem que está preso com o pé no chão.

A razão toma conta demais das coisas. E a luta da espiritualidade é a mesma desde quando o mundo é mundo, é **tentar pôr**



amor na cabeça das pessoas e entender que tudo faz parte de um conjunto.

No mundo de lá não existe esses tabus, essas diferenças, lá todos nós trabalhamos em comunhão. Todos somos um só, trabalhamos por uma razão só.

O mundo espiritual é imenso, é um universo sem fim.

A fé por vezes cede espaço a razão, gerando uma série de conflitos internos na Umbanda. Como a espiritualidade entende isso e há uma expectativa sobre esse tema?

O crente [evangélico] senta e cruza a perna e deixa os próprios umbandistas se destruírem. O maior motivo de tudo isso é o “apontar do dedo”. Tudo o que o outro faz, nada está certo.

Se você bate o tambor de cabeça para baixo tem um porque e não cabe a mim decifrar esse mistério. Quem sou eu, a minha missão é estar nessa terra hoje para trazer a palavra. Não vim para julgar, vim tentar ajudar a se compreender e buscar a experiência da evolução. E não posso dizer que está certo e quem está errado. **Mas o problema não é apenas dizer o certo e o errado, é dizer que apenas o meu é o correto.** Porque ninguém pila fubá igual.

O mal das pessoas no mundo de hoje é usar a razão para si e acabar se destruindo, e se destrói, porque já viu como a espiritualidade era e como é hoje?

Casa de Santo todo mundo abre, mas na teoria é uma coisa, mas na prática? Quem tem o fluido para completar esse vaso? As pessoas pensam na estrutura material, apenas na matéria, poucas pessoas abrem as portas para todos sem descriminação alguma. Sem cobranças.

Poucas pessoas praticam o que é para ser praticado, se esquecendo do principal.

O saber não é um inimigo a ser combatido dentro da religião, mas como umbandistas que creem numa comunidade livre de preconceitos, é preciso deixar a ciência aos cientistas e abandonar a ideia de “evolução da espécie dentro da Umbanda”.

Existe uma vasta fonte de conhecimento que fará da fé algo mais profundo e que possibilitará o adepto de qualquer religião a compreender sua história e crença. Para isso, basta apegar-se aos saberes mais



voltados a sociedade e cultura. Mas para não se perder neste caminho é preciso compreender quando largar a mão da ciência, para caminhar abraçado ao místico.

O fanatismo é definido pelo site Dicio (2023) como: “sentimento de cuidado excessivo que pode levar a intolerância religiosa: fanatismo religioso”. A Umbanda é uma religião tão diversa e profunda que nela não cabe o fanatismo, pelo contrário, ela se alimenta e se expande através da evolução. Quanto aprendizes, só podemos evoluir se tivermos convicção e compreensão de nossas raízes, a ponto de não temermos nosso crescimento.

Quando se impõe uma doutrina absoluta na Umbanda, se expurga a individualidade de cada ser e, portanto, se diz aos guias e até mesmo a alguns médiuns que seus dons particulares não são bem-vindos naquele chão. Isso é caminhar no sentido oposto a mensagem que esta religião carrega. Não é possível agregar sem conhecer, não é possível evoluir sem adquirir novos conceitos. Aquilo que se tem por absoluto é uma barreira ao crescimento.



Por outro lado, é preciso que estes dons de fato sejam dons afins com o evolutivo e não, como muitas vezes é, o alter-ego do ser carente que precisa ter a sua vaidade e arrogância alimentados. Como fazer tal separação é algo que exige de fato o saber espiritual (uma visão mais holística e profunda das necessidades de cada ser) e o saber científico (uma visão mais crítica que analisa as características e condições que corroboram a vivência do ser).



O QUE É MEDIUNIDADE?

Mediunidade ao meu ver, quanto dirigente, é um dom que nos foi entregue adjunto ao sopro da vida. Pode ser definida como um elo, um cordão umbilical que nos liga, ainda em carne, a uma existência maior, que se funde a todas as nossas existências anteriores e ao mundo espiritual como um todo, ou seja, é algo de impossível compreensão ou dimensão.

Portanto, para abordar o que é mediunidade é preciso, em primeiro lugar, definir se ela pode ser estudada quanto ciência e de forma exata, ou se para compreendê-la verdadeiramente é preciso abrir mão da razão e explorar de forma individual e holística a sua existência.

Baseada nas experiências por mim vividas na Umbanda e nas transformações que estas vivências trouxeram para visão religiosa, continuarei, ainda que possa parecer ingênua, considerando que ser médium é adentrar ao sobrenatural.

Como a fé é uma experiência única e particular de cada indivíduo, não existem regras para a mediunidade, apenas pontos de convergência e divergência entre as experiências de cada ser.

Para reforçar os argumentos aqui apresentando, segundo Rachid (1985) entendemos por mediunidade, a faculdade inerente a determinadas pessoas, cuja organização psíquica assegura possibilidades de percepção hiper física, isto é, o intercâmbio entre o mundo material e o mundo espiritual.

Para o autor toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por isso mesmo, médium, o que quer dizer, intermediário do plano espiritual. **Em quase todas as pessoas encontramos alguns rudimentos de mediunidade.** Entretanto, esta qualificação se aplica, especificamente, a todos aqueles cuja faculdade mediúnica é claramente caracterizada, e se traduz por efeitos e uma certa intensidade, o que depende de um organismo mais ou menos sensitivo.

A mediunidade requer uma estrutura psíquica e espiritual diferenciada. Para que seja possível exercer este dom o médium apresenta certas características que o diferencia de outras pessoas que não tem a mesma capacidade de comunicação com o mundo astral.

Tais especificações se alteram conforme o tipo de mediunidade que este indivíduo está pré-disposto a desenvolver. Em outras palavras, a mediunidade é uma ferramenta e como tal é preciso que o usuário deste recurso aprenda como utilizá-la e mais do que isto, quanto maior for o seu preparo e conhecimento para o uso, melhor será o resultado por este conjunto (ferramenta + usuário).

Uma das primeiras considerações aqui é que **nem todos somos médiuns de incorporação**, logo não adianta forçar uma incorporação que a mesma não

ocorrerá. Mas durante o desenvolvimento mediúnico, é analisado qual é o tipo de mediunidade que este indivíduo possui.

São tantas as possibilidades que envolvem o processo mediúnico e sua influência na vida do médium que para desenvolver a capacidade pessoal e espiritual deste indivíduo a fim de gerar um processo evolutivo é preciso compreender que **cada médium é um ser independente. Sua natureza e sua missão, bem como as provas e desafios que dela fazem parte são as raízes das incertezas e dos receios que acompanharão este indivíduo por todo o processo.** São pessoas diferentes, com objetivos diferentes e que buscam, através da comunicação com o sobrenatural, um caminho, um orientador para acompanhá-las nessa jornada chamada vida.

A Umbanda, como religião diversificada e heterogênea, desenvolve um papel de grande importância para esse processo evolutivo, pois dentro do terreiro, todas as mediunidades são úteis e através da sua atuação individual, temos uma resposta coletiva de evolução.



A MEDIUNIDADE NA UMBANDA

O médium tem apenas a faculdade de se comunicar, mas a comunicação efetiva depende da vontade dos Espíritos. Se estes não quiserem manifestar-se, o médium nada obterá; será qual instrumento sem músico que o toque. É como sempre digo nos desenvolvimentos e giras: o telefone toca de lá para cá, jamais o contrário.

Dentro de um terreiro ou outra instituição que se utilize da prática da caridade como um meio evolutivo, entendo que sempre haverá um acordo entre as partes para que tal objetivo seja alcançado, afinal imagine como seria se no dia da gira, as entidades simplesmente não aparecerem. Mas esse acordo está ligado a missão e não a vontade do médium.



Visto que os Espíritos só se comunicam quando querem ou podem, não estão sujeitos ao capricho de ninguém; nenhum médium tem o poder de forçá-los a se apresentarem. Isto explica a intermitência da faculdade nos melhores médiuns, e as interrupções que sofrem, às vezes, durante muitos meses. Seria, pois, um erro comparar a mediunidade a uma propriedade do talento. O talento adquire-se pelo trabalho, quem o possui é sempre dele senhor; ao passo que o médium nunca o é de sua faculdade, pois que ela depende de vontade estranha. (KARDEC, 2019, p. 139)

Um erro comum na comunidade umbandista é que muitas pessoas confundem desenvolvimento mediúnico com incorporação pura e simples. Não há como

simplesmente ir e chacoalhar o corpo no terreiro, receber o que quer que seja e considerar isso um passo evolutivo ou um processo de desenvolvimento. Para e pense, no que isso é engrandecedor?

A verdade é que o médium que assim pensar está tristemente fadado a três grandes armadilhas: a vaidade, o animismo e o misticismo.



ANIMISMO E MISTICISMO

Conhecidos como grandes inimigos da mediunidade o **animismo** e o **misticismo** estão presentes em praticamente todos os médiuns durante o processo de desenvolvimento mediúnico e por isso o seu entendimento e reconhecimento é de grande importância para o trabalho mediúnico.

Animismo, segundo o site Significados (2021), é a ideia de que todas as coisas, incluindo pessoas, animais, características geográficas, fenômenos naturais e objetos inanimados, possuem um espírito que os conecta uns aos outros.

É uma construção antropológica usada para identificar traços comuns de espiritualidade entre diferentes sistemas de crenças.

Na maioria dos casos, o animismo não é considerado uma religião em si, mas sim uma característica de várias práticas e crenças.

Os historiadores acreditam que o animismo é fundamental para a espiritualidade humana, que remonta ao período paleolítico e os hominídeos que existiam naquela época.

Historicamente, tentativas foram feitas para definir a experiência espiritual humana por filósofos e líderes religiosos. Por volta de 400 a.C., Pitágoras discutiu





a conexão e união entre a alma individual e a alma divina, indicando uma crença em uma "alma" abrangente de humanos e objetos.

Acredita-se que ele tenha aprimorado essas crenças enquanto estudava com antigos egípcios, cuja reverência pela vida na natureza e personificação da morte indicam fortes crenças animistas.

A ideia de um animus mundi, ou uma alma do mundo, é derivada desses antigos filósofos, e foi objeto de pensamento filosófico e, depois, científico, por séculos, antes de ser claramente definido no final do século XIX.

Já quando o tema é abordado sob o prisma da Umbanda, o texto disponível na Umbanda EAD elucida que animismo deriva da palavra ânima que vem do latim e corresponde ao termo alma e/ou vida.

Alguns estudiosos como o psiquiatra e criador da psicologia analítica Carl Gustav Jung dissertam sobre a ânima. Jung diz que ela se caracteriza pela expressão ou a personalidade que o ser encontra em seu inconsciente.

Não nos aprofundaremos nessa vertente do assunto. Mas é dentro dessa concepção, que o animismo é trabalhado na Umbanda. Entendemos que o nosso corpo é "animado" por uma alma.

Será essa alma que irá sentir e ter intenções, dotando o ser de suas decisões e desígnios. E se nós temos uma alma que nos anima, quando a mediunidade é exercida, outra alma também passa animar o nosso corpo.

O corpo que abrigava apenas a alma do ser, naquele momento se torna o instrumento de trabalho de duas almas, a do médium e a da entidade.

Misticismo resume-se em uma incorporação duvidosa e intencionalmente coordenada pelo médium.

Segundo o blog da Umbanda EAD, a incorporação tem como objetivo principal o trabalho espiritual realizado pela entidade em conjunto com o médium. Seu foco é promover limpezas, quebrar demandas, reestabelecer o equilíbrio, curar, abençoar, comunicar o que é necessário no momento e acima de tudo auxiliar o consultante a se autoconhecer e com isso ter o amor a si.

Nenhuma entidade vai se ater a assuntos peculiares, como por exemplo, onde tal pessoa está nesse momento? [O médium "adivinho" pode acabar se perdendo na mensagem e ao invés de comunicar o que realmente importa a pessoa e que trará de fato uma melhora em sua vida, inicia um show de adivinhação que na maioria das vezes além de não "acertar" não soma em nada.](#)

Pai Rodrigo Queiroz aborda esse assunto no estudo Mediunidade na Umbanda "Toda vez que o médium incorporado ou não, quer adivinhar coisas, ele quer falar de coisas que não pertencem a ele e nem a espiritualidade, vai pisar na bola. Mas, ainda assim, se a intenção não é nociva, não é vaidosa, não é egoíca e coisas do tipo, ainda pode ser relevado."

Chegamos a polêmica do tema: a “manifestação” que precisa ser vista com cautela dentro dos terreiros.

Durante o estudo sobre Mediunidade esse ponto é colocado pelo sacerdote como o comportamento da pessoa que movida pela ânsia de ajudar, acaba desenvolvendo um ‘mix’ de emoções embalados pelo subconsciente.

Ele fala também o que é importante avaliar: o que tem efetividade e traz benefícios e que a mistificação em si já é um outro precedente, mais profundo e complexo.

“Mistificação é a intenção de mentir; coisa que acontece com o zombeteiro, tem espírito que finge ser e tem pessoas que fingem ser. Se a intenção é de mentir, enganar, falsear.. isso sim, é mistificação.” - Pai Rodrigo Queiroz

Ele continua falando sobre isso, dando o exemplo de quando a pessoa “quer” incorporar um Preto Velho e começa a fingir que a entidade está incorporada, se manifestando como tal, mas, na verdade não é esse espírito que se faz presente. “Nesse momento, o erro já está instaurado e essa inspiração de mentir, é algo nocivo e tende a uma falta de caráter espiritual” completa.

Para evitar erros e até que a vaidade desvie o médium do caminho correto, parte do desenvolvimento mediúnico se dá também com o estudo, que irá ser o direcionador dos trabalhos espirituais que serão desenvolvidos.



SER UM CAMINHO E NÃO DIRECIONAR

Ser médium é ser o meio e não o efeito e certamente esse é um dos maiores desafios de todos os médiuns. Quando se conhece a Umbanda e tudo o que de mais belo ela tem (os Guias e seus ensinamentos), logo o médium se coloca a sonhar e romantizar os “personagens” que farão parte de sua egrégora espiritual.

E por que falamos personagens e não espíritos? Porque essa imaginação fértil e muitas vezes banhada de vaidades acaba formando um personagem anímico que será a primeira versão de “incorporação” do médium iniciante, mas que jamais poderá ser a sua última versão.

A Umbanda é a religião que abriu os braços para os excluídos. Dela fazem parte aqueles que viveram as margens da sociedade. Sendo assim, a primeira palavra associada a mediunidade é desapego.

Ser umbandista é estar contra o fluxo, é olhar para si e refletir seu olhar no outro. Ser umbandista e médium é estar disposto a se desapegar das certezas e flutuar num mar de dúvidas e eterno conhecimento.

Sem o desapego não há incorporação. O médium que é apegado a sua incorporação, a força do seu guia, a roupa que irá usar, ao cargo que ele ocupa, dificilmente irá renunciar ao seu corpo (já que este é seu bem maior em vida) para que o espírito que vibra em sua coroa possa dele usar e assim trazer seus conhecimentos. Ser um meio é inicialmente não interferir.

Quanto aos espíritos que compõe a coroa do médium, todos os Mentores e Guias que atuam na Umbanda tem o desenvolvimento e a energia necessários para plasmar a forma que melhor lhes convém.



Não existe mais o limite da carne, do corpo, para suas deficiências ou mazelas. O preto-velho não precisa ser negro ou velho, ou mancar, ou até mesmo falar um português errado e o mesmo ocorre para todos os demais espíritos. **Se assim o fazem é por puro desprendimento de qualquer tipo de vaidade e para alimentar a fé daqueles que necessitam de tais estereótipos para crer e para compreender que a sua comunicação com o sobrenatural foi ativada.**



A verdade é que o animismo e a criação de um personagem acompanhará o médium por muitos anos. Até que pouco a pouco a verdadeira face do Guia irá se manifestar, mostrando toda a sua capacidade de orientação e conhecimento conforme o desenvolvimento moral e emocional do médium, conforme seu desprendimento de certezas e a necessidade de controle.

Por isso um terreiro de Umbanda voltado a prática da caridade de forma séria busca realizar reuniões específicas para o desenvolvimento mediúnico. É justamente nesse momento que é analisado qual é o tipo de mediunidade que o filho da casa possui e quais as melhores formas de aproveitar esse dom para o seu evolutivo pessoal e espiritual.



MEDIUNIDADE SEM MEDO

Os médiuns iniciantes primeiro devem conhecer e se afinar com o terreiro. Quando um elo de confiança for estabelecido e somente a partir deste momento, os Guias/Mentores desse indivíduo começarão a se manifestar, o que provoca uma série de sensações no corpo e na mente do médium.

As primeiras manifestações costumam ser irregulares, com espasmos e outras reações que chegam até a ser violentas. Com o passar do tempo, a ligação mediúnica se fortalece, sua manifestação se torna cada vez mais natural e fluída, até o ponto de ele estar preparado para o trabalho na Umbanda.

No início do desenvolvimento, é comum a entidade desprender energia demais para alcançar o corpo astral do médium, que por sua vez ainda não está preparado para isso. Assim o médium tem a sensação incômoda, de “muita energia estagnada no corpo”. Quando esta energia, por fim, encontra caminho para fluir, isso ocorre subitamente, “tudo de uma vez”.

Outras reações como emoção incontida, choro, alegria e vontade de sorrir também são comuns no processo de desenvolvimento mediúnico. Isso ocorre pela proximidade do guia e pela diferença entre a energia do médium e guia. Apesar de estar presente com o médium desde o seu nascimento, a incorporação muda o nível de energia que o guia desprende sobre o corpo do médium e esse choque energético pode ser percebido pelas diferenças de emoção e humor, bem como os espasmos e tremedeiras.

Só podemos controlar o que conhecemos e o sobrenatural é, por si, algo impossível de ser conhecido completamente, portanto, não há controle sobre o espiritual.

Durante este processo o médium apara inúmeras arestas tanto em sua mediunidade, quanto em sua moral e seu íntimo.

A base do comportamento do médium na Umbanda, implica na sua capacidade de sintonia com as energias que ele alimenta dentro de si e que conduz ao trabalho, a família e claro as giras.

Estas energias ou irradiações, ligam-se ao conjunto de ritos e trabalhos espiritu-



ais que são realizados por cada comunidade de santo, e acabam por caracterizar a identidade vibratória de cada terreiro, assim como a sua amplitude espiritual.

Assim, **é imprescindível que cada médium seja capaz de perceber e sintonizar-se com o que está sendo produzido no momento dos trabalhos espirituais.** Concentração, atenção, receptividade, sensibilidade, tranquilidade; estes são atributos fundamentais para os médiuns.

Com isso, quero dizer que se alimentamos repetidamente pensamentos de raiva, de revolta, de tristeza, de maledicência, de ódio, de inveja etc. Criamos um ciclo negativo, que é reforçado continuamente, que vai se fixando, num mecanismo doentio, dentro de nós, e nos fechando numa corrente de energias de caráter perturbador, podendo inclusive desencadear processos de doenças ao nível do nosso próprio organismo físico. Aquilo que a psicologia chamaria de somatização.

A Umbanda tem uma característica de socorro, de auxílio e de ajuda. É um grande hospital, agindo ora como pronto-socorro e ora como clínica para tratamentos mais longos. Então, não podemos chamar um espírito, que não tenha conhecimento algum, para auxiliar uma pessoa.

O auxílio deve ser feito com espíritos preparados para tal. Por isso que a coroa mediúnica é formada antes da nossa encarnação, porém há casos de espíritos que se tornam merecedores de trabalhar junto a uma determinada casa, nesses casos, o trabalho sempre será auxiliado pelo chefe de coroa do médium.

O chefe de coroa que será o espírito responsável pela nossa mediunidade e de tudo aquilo que faremos com ela. Esse espírito é quem toma conta da nossa cabeça e permite outros guias a se manifestarem.

Os médiuns despendem muita energia na tentativa de estabelecer uma boa conexão mediúnica no início do desenvolvimento e posterior a isso nos momentos de atendimento. Carências na preparação do médium ou da corrente também podem causar um certo mal-estar e estafa após a incorporação, como a falta de um banho de ervas.

Os banhos de ervas são instrumentos de harmonização e sintonização do corpo astral do médium com seus guias espirituais. Ao tomar estes banhos, o médium desenvolve previamente um tipo de energia receptiva ao espírito que se aproximará dele. A sintonia e incorporação nestes casos ocorre muito mais facilmente.

O bom desenvolvimento não é medido em tempo, mas sim em qualidade. O processo deve durar o quanto for necessário para que o médium esteja seguro e capaz de desempenhar suas funções.



DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

A mediunidade aplicada dentro de uma casa de axé precisa seguir determinadas orientações a fim de organizar fisicamente a corrente mediúnica e por isso cada terreiro desenvolve essa capacidade de forma diferente. Como dirigente, entendendo que esse processo de desenvolvimento e método de trabalho deva ser orientado pelo guia chefe da casa, pois, nenhum homem (ainda que um dirigente) tem o desenvolvimento e a visão necessária para organizar e orientar a espiritualidade que trabalhará no terreiro.

Outro ponto importante é que o desenvolvimento mediúnico está ligado a uma missão, ou seja, não deve ocorrer por pura curiosidade e sim com a finalidade do processo evolutivo que pertence a ele e para que isso ocorra não podemos pular etapas.

Receber uma Entidade é quase um nascimento, precisamos entender o papel daquele espírito em nossas vidas, acalentar a sua existência, criar elos afetivos, conhecer sua vibração, sua temperatura, cheiro, cor e então teremos a confiança, a fé necessária para nos entregar ao processo mediúnico e abandonar o animismo, para então iniciar a incorporação. Assim como o feto passa meses na barriga da mãe, para que essa desenvolva a química e o emocional necessário para amar e defender essa criança, o mesmo ocorre com os espíritos e o médium, que precisam se alinhar e criar um elo de comprometimento com os dois lados.

A Umbanda tem fundamento, mas os umbandistas devem ter conhecimento para compreender tais fundamentos. O colunista Douglas Rainho (2021) em certo momento escreveu que parte do desenvolvimento mediúnico se dá também com o estudo pautado no bom-senso, que irá ser o direcionador dos trabalhos espirituais que serão desenvolvidos. Primeiramente devemos compreender que não importa só achar que está fazendo algo, mas é preciso realmente entender o que se passa, até aquele algo ocorrer.

A mediunidade sem conhecimento, sem estudo, sem compreensão é um vasto campo para as vaidades humanas e para a interferência de espíritos mal-intencionados. Sendo assim, é possível afirmar que o fundamento é a base direcionadora das ações dentro do terreiro e o conhecimento é uma ferramenta de qualificação para a estrutura dos trabalhos realizados na casa de axé.

Consideramos que estudamos até aqui, podemos afirmar que o desenvolvimento pessoal do médium evitará erros e desvios como o misticismo e o declínio desse indivíduo.



Nem sempre o que vemos é a verdade, o véu de Isis é muito denso em alguns casos e para algumas pessoas. Elas não conseguem se livrar da ilusão e da necessidade de acreditar que são diferentes ou melhores, pois é isso que acham que um médium é! Alguém melhor que os outros. Isso é uma tremenda ilusão, na realidade os médiuns tem muito mais a dever do que quem não

possui uma mediunidade ativa.

Com isso quero dizer que algumas pessoas simplesmente ACHAM que estão incorporando, são hipnotizadas para acreditar nisso e outras são manipuladas para tal. Alguns até mesmo não incorporam nada e nem sequer tem uma manifestação mediúnica, mas agem com trejeitos de caboclos e pretos-velhos em um teatro sem fim. A isso damos o nome de mistificação, que pode ser consciente ou mesmo inconsciente.

No desenvolvimento mediúnico, é analisado se primeiramente existe a mediunidade e depois tenta-se achar qual é o tipo de mediunidade que o postulante possui. Logo que foi definida procede-se com os trabalhos, procurando sempre o Evangelho de Cristo, como bússola moral, para guiar as manifestações mediúnicas a princípio (e durante toda a vivência mediúnica de fato!). (RAINHO, 2021)

Apesar do conceito bastante cristão e do autor ser de uma escola hierárquica e tradicional de Umbanda, médium é médium e seja na religião que for, sem o princípio moral, sem a humildade e a disposição em permitir que os Guias sejam guias e não apenas espectadores, certamente haverá problemas durante a jornada desse filho.

O reconhecimento de médiuns despreparados, sem o devido aconselhamento e cuidado emocional e espiritual é fácil, são aqueles que:

Sempre trabalham o melhor mentor;

Conhecem tudo sobre espiritualidade nada precisam aprender;

São “injustiçados” em todas as casas que passaram;

São autodidátas, apoiando suas experiências em pesquisas do Google;

São de fáceis elogios e repentinas revoltas;

Não respeitam regras e hierarquias;

Não conseguem “controlar” suas incorporações, sendo sempre um excessão as regras da casa de axé;

São escravos das próprias vaidades.

Quando se inicia um trabalho de desenvolvimento mediúnico, o umbandista se compromete com seu Guia, abrindo assim uma vida de mão dupla onde os dois (indivíduo e espírito) caminharão juntos, tanto para o evolutivo, quando responderão juntos pelos erros e desvios cometidos no caminho. É importante entender que o desenvolvimento nunca termina, pois se a própria Umbanda ainda está em

ampliação e amadurecimento, o mesmo ocorre com os seus médiuns e por isso estamos em eterno aprendizado sobretudo relacionado a espiritualidade e a mediunidade está nesse aprendizado.



OS MÉDIUNS DE INCORPORAÇÃO E OS MITOS

A mediunidade de incorporação é, como já dito acima, um dom, uma manifestação extrassensorial que amplifica a capacidade de consciência do indivíduo fazendo que este possa atingir ao sobrenatural; porém esse estado de consciência é desejado e trabalhado para que haja um benefício pelas duas partes. Portanto, incorporação não é possessão.



Nas religiões mediúnicas o transe não é uma agressão (possessão) e, sim, um processo natural (mediúnico), quase um privilégio. Embora tecnicamente, em alguns momentos, estejamos falando do mesmo fenômeno, aqui nos importa e muito o sentido, interpretação e linguagem que se dá para determinar o fenômeno em suas nuances mais sutis. (CUMINO, 2018, p. 29)

Baseando-se na afirmação acima e nos estudo sobre as religiões mediúnicas é correto afirmar que a incorporação é proveniente de um transe.

Cumino (2018) defende que existem dois tipos de transe que culminam na incorporação:

Transe sem sentido: não costuma ter hora em lugar certo, esse tipo de fenômeno é prejudicial ao médium e pode ser confundido ou até conjunto com uma patologia psiquiátrica como epilepsia, catalepsia, letargia, histeria etc. É uma ação indesejada e, portanto, desorientada e involuntária.

Esse tipo de manifestação ocorre por desequilíbrio do médium ou devido a origem do espírito que ali se manifesta (espíritos obsessores).

Transe com sentido: Essa manifestação tem hora e local para acontecer, são manifestações inseridas um contexto religioso e que participam de uma ritualização para sua existência. Ao contrário da manifestação anterior, elas servem como um agente norteador, levando ao médium em questão ensinamentos significativos para a sua evolução e para as pessoas presentes nestes atos religiosos.

Em oposição a manifestação anterior, essa ação traz credibilidade ao médium, passando seriedade quanto ao processo mediúnico.

Durante a incorporação os espíritos que ali se manifestam não apresentam uma documentação de identidade, não existe antecedente criminal para as entida-



des. Para um médium em desenvolvimento reconhecer as energias que o cercam é uma missão delicada.

Mediunicamente nos ligamos a espíritos com a mesma faixa vibratória que trazemos em nosso dia a dia, ou seja, determinadas posturas, pensamentos e sentimentos nos afastam das nossas Entidades (espíritos de luz) e nos ligam a Zombeteiros (espíritos de baixa vibração que procuram confundir e brincar com médiuns, prejudicando o emocional e pessoal do indivíduo).

A melhor forma de reconhecer a que tipo de vibração você está se ligando é através de alguns questionamentos:

Livre arbítrio: esse espírito respeita meu livre arbítrio? Ele se manifesta de forma ordenada, com objetivos claros e sem causar problemas na minha vida pessoal, profissional ou emocional?

Doutrina: recebe esse espírito quando está alcoolizado? Essa manifestação ocorre fora de hora (em momento ou giras que não correspondem a linha de trabalho desse espírito)? A postura desse espírito te envergonha ou constrange? Esse espírito é agressivo?

Propósito: a manifestação desse espírito tem um objetivo claro? Esse espírito traz palavras de sabedoria ou consolo? Sua manifestação mostrou-se necessária?

Se ao responder essas perguntas você percebeu que essa manifestação não é positiva, cuidado, você pode estar sendo usado por um zombeteiro.

Ao contrário do que muitos pensam acertar previsões, apagar cigarro nas mãos, fumar charuto ao contrário, dançar, beber e apresentar uma série de cacoetes não prova de incorporação e nem mesmo de qualidade de Entidade. Entre o animismo, o zombeteiro e a Entidade muita coisa pode acontecer e a falta de autoconhecimento e humildade são armas poderosas para derrubar um médium iniciante.

A Umbanda, ainda que seja uma religião em evolução e muito nova, não é ambiente de algazarra e nem desrespeito. Os espíritos que militam na egrégora por ela aberta trazem comprometimento com a religiosidade. Já dizia o Caboclo das Sete Encruzilhadas: “a Umbanda receberá todos os espíritos que trabalharão para a PRÁTICA DO AMOR E DA CARIDADE”.

Incorporação não é possessão, então, o médium sempre tem escolha. Quem precisa de doutrina não é o Guia e se o espírito que se manifesta em você precisa ser doutrinado, ele ainda não é um Guia e sim um espírito que está utilizando da sua conexão mental para se manifestar.

Mas se seu espírito for um Guia e tiver comportamentos inadequados, como manifestação alcoolizado ou até mesmo posturas desafiadoras perante as pessoas ou o Guia Chefe do seu axé. Pare e reveja as suas posturas, pois na verdade, em casos como estes, quem precisa ser doutrinado é o médium, que está assumindo a frente da Entidade e colocado suas necessidades, anseios e visões pessoais acima da espiritualidade.



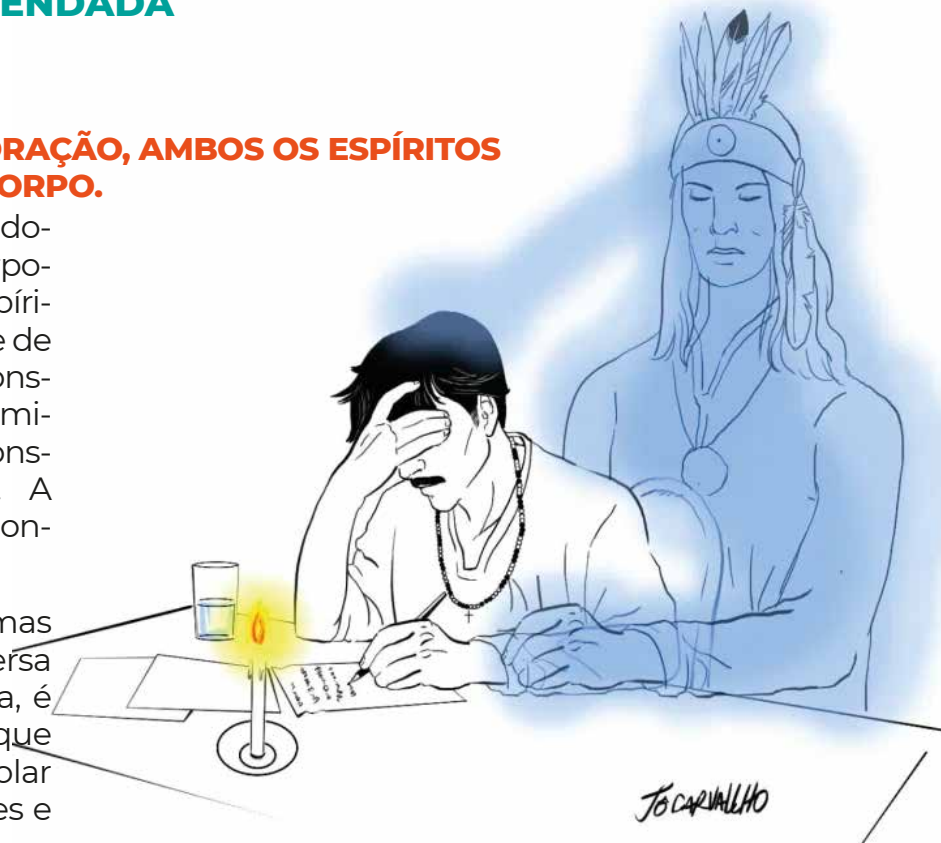
MEDIUNIDADE DESVENDADA



QUANDO HÁ A INCORPORAÇÃO, AMBOS OS ESPÍRITOS ESTÃO PRESENTES NO CORPO.

O espírito do médium não abandona o corpo no momento da incorporação, quando ele recebe um espírito, fica presente em uma espécie de transe, em estado alterado de consciência, é o que chamam de semi-consciência – quando as duas consciências presentes interagem. A incorporação ocorre através do controle das sinapses.

Segundo o Exu Marabô das Almas explicou durante uma conversa com um médium sobre o tema, é justamente o estado de transe que permite que o Guia possa controlar as reações sensoriais, musculares e



de memória através das sinapses e assim, muito próximo ao corpo, mas não dentro dele existe esse controle e a união das consciências, formando assim via de mão dupla entre médium e Entidade.

O que é sinapse?

Sabemos que os impulsos nervosos devem passar de uma célula à outra para que ocorra uma resposta a um determinado sinal. Para que isso ocorra, é necessária a presença de uma região especializada, que recebe o nome de sinapse. Ela pode ser definida como a região de proximidade entre a extremidade de um neurônio e uma célula vizinha, onde os impulsos nervosos são transformados em impulsos químicos em decorrência da presença de mediadores químicos.

Um neurônio faz sinapses com diversos outros neurônios. Estima-se que uma única célula nervosa possa fazer mais de mil sinapses. Geralmente elas ocorrem entre o axônio de um neurônio e o dendrito de outro. Entretanto, podem ocorrer algumas sinapses menos comuns, tais como axônio com axônio, dendrito com dendrito e dendrito com corpo celular.

As sinapses fazem parte do circuito que conecta os órgãos sensoriais, como aqueles que detectam dor ou toque, no sistema nervoso periférico do cérebro. As sinapses conectam neurônios no cérebro a neurônios no resto do corpo e desses neurônios aos músculos. É assim que a intenção de mover nosso braço, por exemplo, se traduz nos músculos do braço realmente em movimento. As sinapses também são importantes dentro do cérebro e desempenham um papel vital no processo de formação da memória, por exemplo.

QUALQUER ESPÍRITO PODE INCORPORAR A QUALQUER MOMENTO.

A incorporação é uma conexão mental entre o médium e a entidade espiritual, que só acontece com a total permissão/passividade do médium, que permite que o espírito domine temporariamente a sua matéria.

As incorporações inconscientes são muito raras, quase que pertencentes apenas aos livros. De qualquer forma a principal diferença entre a incorporação e a posse é a permissão necessária e a finalidade do trabalho espiritual desenvolvido pela primeira.

A PESSOA PODE DEMONSTRAR ATITUDES E COMPORTAMENTOS QUE NÃO SÃO SEUS QUANDO INCORPORADO.

Quando a incorporação é permitida pelo médium, ele passa a ter gestos involuntários que não lhe são habituais, ele passa a agir sobre orientação/sugestão do seu Guia Espiritual. Por exemplo, os espíritos indígenas incorporam de maneira forte, com uma grande vibração, de modo ereto, algumas vezes se ajoelhando e batendo no peito. A incorporação do preto velho é mais suave, se curva, como um senhor sábio já cansado. As crianças fazem com que o médium demonstre atitudes infantis etc. O médium já deve estar psicologicamente preparado para receber e se comportar conforme o tipo da entidade.



QUANDO UM MÉDIUM VAI RECEBER UM ESPÍRITO, O CORPO CHACOALHA INTEIRO E TEM DIVERSOS ESPASMOS INVOLUNTÁRIOS.

Pode ser verdade, mas isso nem sempre acontece, não é uma regra. Quando um médium chacoalha muito na incorporação de um espírito normalmente ele está com medo do processo, e esse medo causa um mal-estar que faz com que o corpo chacoalhe.

Outros casos estão relacionados ao processo de desenvolvimento mediúnico, no qual o médium (não a entidade e nem mesmo a necessidade) aprende que esse momento de espasmos e movimentos bruscos estão ligados a presença de uma Entidade.

Para realizar uma incorporação é preciso uma boa educação mediúnica, para que o médium saiba o que vai acontecer, tenha confiança e segurança para que a recepção seja calma e tranquila. Com o tempo, esse mal-estar tende a passar, o médium evolui e o movimento do corpo na incorporação torna-se mínimo e controlado.



A PESSOA NÃO SE LEMBRA DE NADA DEPOIS DA INCORPORAÇÃO.

Como já foi dito a incorporação inconsciente é uma modalidade praticamente extinta nos terreiros hoje em dia. Porém, no momento de desincorporação, o corpo sofre um “choque espiritual” que faz com que parte da memória da incorporação seja deletada. As coisas ditas ou feitas pela Entidade que não serão de valia para o processo de desenvolvimento pessoal e espiritual do médium não são lembradas pelo indivíduo, o que confirma o estado de semiconsciência dele, que sabe que algo aconteceu, mas não sabe o que.

As memórias da incorporação, na maioria dos casos, funcionam como memórias de um sonho, que são mais presentes assim que acordamos, mas logo se apagam com o decorrer do dia, chegando ao ponto de sumirem e ficarem apenas armazenadas no inconsciente.

Até os médiuns chamados inconscientes, segundo entrevista realizada com a cigana Sarita, durante a incorporação tem consciência e acabam ao término dela esquecendo-se do conteúdo das consultas e ações praticadas.



A QUANTIDADE DE DE BEBIDA E FUMO INGERIDO PELO MÉDIUM, ASSIM COMO OS COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS FAZEM PARTE DE UMA BOA INCORPORAÇÃO NA LINHA DA ESQUERDA.

O fumo e a bebida são muitas vezes utilizados por guias espirituais como forma de descarrego e de transmutação de energias negativas na Umbanda. O uso exagerado e irrestrito do álcool na incorporação mostra desordem e desequilíbrio psico-espiritual do médium, não da entidade.

Quanto ao padrão de comportamento das Entidades militantes da linha da Esquerda, não há nenhuma ligação entre a linha e a agressividade, tais perspectivas são parte de uma personagem criada pelo médium através do animismo.

Indiferente da linha de trabalho, todas os Guias de Umbanda receberam esse

nome por estarem aptos a conduzir o médium em sua jornada mediúnica.



A INCORPORAÇÃO É ALGO PERIGOSO.

Toda incorporação exige uma preparação e um conhecimento prévio. Apesar de não poder ser considerado como perigoso, é algo complexo. É fundamental seguir a preparação sugerida pelos dirigentes da casa de axé e ter a consciência e a proteção necessária.

Fazer uma incorporação sem o acompanhamento e a educação mediúnica necessária pode se tornar arriscado pois pode permitir a vinda de espíritos zombeteiros que não estão interessados em evoluir espiritualmente, somente assustar ou zombar os encarnados.



ALGUNS MÉDIUNS INCORPORAM, OUTROS NÃO.

A mediunidade é um dom divino que todos nós temos, em diferentes graus de desenvolvimento, mas nem todos aplicam a sua mediunidade com a incorporação. Há muitas outras formas de atuar na sua mediunidade: alguns ouvem, outros vêm, outros tem intuições, outros têm sonhos premonitórios, alguns benzem, outros oram etc. Há uma infinidade de trabalhos possíveis e cada um deles foi oferecido como dom a uma alma que pudesse dar vconta do mesmo, ninguém tem uma mediunidade que não pode controlar.



OS OGÃS E A MEDIUNIDADE

Ser Ogã na Umbanda é ser a voz e o coração do terreiro, esse posto não deve ser entregue ou cuidado de forma leviana pois está diretamente ligado ao bom andamento da gira e as firmezas da casa de axé.

Segundo Mattos (2011) A mediunidade dos Ogãs pode ser classificada como Mediunidade de Lucidez Artística Musicista e ela age especialmente sobre as mãos, braços e sobre as cordas vocais.

Porém assim como qualquer tipo de mediunidade ela deve ser desenvolvida através da prática e do estudo.





Seu desenvolvimento e crescimento mediúnico dependerão exclusivamente de si próprio, pela disciplina, força de vontade, fé e respeito para com as obrigações. Dessa forma, poderá, com o tempo, obter maior facilidade no aprendizado de novos toques, bem como terá aumentada a sua recepção intuitiva, usada pelos guias na transmissão de novos pontos cantados a serem adotados nos trabalhos espirituais. Assim, já deixo claro que os Ogãs podem manifestar mais de um tipo de mediunidade. (MATTOS, 2011, p.42)

Dentro das orientações seguidas na nossa casa o Ogã deve:

Tomar banho de ervas antes das giras (conforme indicação do dirigente espiritual ou do guia chefe da casa);

Receber um passe energético ao término dos trabalhos ou quando julgar necessário;

Atentar-se as suas vestimentas para estarem de acordo com as cores da gira e na dúvida, use branco sempre;

Não deve ocorrer o consumo de bebidas alcoólicas atrás do atabaque e se ela for oferecida por algum Guia/Entidade seu consumo deve ser moderado;

Os três atabaques devem estar em harmonia, sem nenhum tipo de disputada entre os toques;

O respeito é primordial e deve ser zelado, seguindo sempre a orientação do responsável pelo couro e do Guia Chefe da Casa;

Não apoiar os cotovelos, ajoelhar, brincar ou até subir em cima do atabaque. Você não faria isso com as imagens e o espaço sagrado é o mesmo.





Tais orientações são se limitam a uma ordem ou a organização e controle do grupo ali presente, elas são necessárias pois os Ogãs são médiuns sim! Porém essa mediunidade se manifesta através de um “Dom Musical”

O Ogã que se entrega a sua missão passa a ter um canal direto com o Guias e Mentores do terreiro, com o Orixá que rege o atabaque que está sob sua tutela e com o zelador do terreiro. Quando em harmonia esse contato espiritual se torna uma fonte poderosa de axé, que é capaz de movimentar e vibrar por todo o terreiro facilitando a incorporação e as manifestações de curas e emoções para os consulentes.

Se a Umbanda é a cura através da fé, é preciso despertar a fé (a confiança) em todos que ali estão prontos para trabalhar ou para receber a ajuda que a casa de axé está disposta a oferecer e por seu papel fundamental na construção desse axé, os Ogãs são fundamentais na construção dessa confiança, pois transmitem não apenas a vibração, mas o próprio axé através de suas mãos.

Outro ponto fundamental e ligado a mediunidade quando se fala de Ogã na Umbanda é o fato de que a palavra Ogã descreve um cargo do Candomblé e foi emprestada a Umbanda, ou seja, aqui há uma apropriação e portando deve caber o respeito a todos que desta palavra fazem uso em buscar a raiz e a compreensão de seu significado.

Quando a Umbanda surge na região Sudeste do Brasil, através do Zelio de Moraes, não há o uso de atabaques e, portanto, não há Ogãs. Inicialmente, até como uma forma de se afastar das práticas consideradas baixo espiritismo (e por puro preconceito social, na minha humilde opinião) os médiuns responsáveis pelo atabaque receberam muitos outros nomes: atabaqueiros, curimbeiros, tocadores etc.

Hoje o uso da palavra Ogã na Umbanda é normal, mas assim como a manga da minha camiseta não é mesma manga (fruta) que posso chupar. O Ogã na Umbanda e o Ogã no Candomblé são cargos com fundamentos bastantes diferentes entre sim.

Na Umbanda, de certa forma, é natural encontrarmos Ogãs que, além do dom musical, possuem a mediunidade de incorporação. Lógico que fazem parte de uma minoria, porém é possível, pois as pessoas podem desenvolver vários pontos receptivos ao mundo da espiritualidade, muito embora, normalmente, desenvolvam um tipo de mediunidade mais marcante e outros de menor intensidade, além de algumas manifestações mediúnicas que podem ocorrer esporadicamente.



A MEDIUNIDADE E A EVOLUÇÃO PESSOAL

A mediunidade é um campo vasto e nela não se aplicam as regras, mas vale lembrar que a espiritualidade está sempre ciente de onde carrega o seu médium e, portanto, não existe a necessidade de doutrinar os guias, porém sempre é preciso atentar-se para trabalhar na harmonização e por vezes doutrinação dos médiuns, que muitas vezes confundem intuição com vontade, medo com avisos, incorporação com irradiação e acabam se privando de um relacionamento verdadeiro com



os seus Mentores.

A mediunidade é um processo de autoconhecimento com o objetivo de uma evolução espiritual e emocional, afinal, um processo não caminha sem o outro. Por isso, toda incorporação é uma prova para o médium e ao mesmo tempo uma lição e pela vida ser equilibrada, não há fim para tais desafios, apenas a certeza de que prova após prova estaremos aptos e já iniciando uma etapa mais difícil e que exigirá ainda mais de nós.

É como diz Mattos (2011), todo médium tem sua utilidade dentro do terreiro, desde os dirigentes, os camponos e médiuns de incorporação aos outros auxiliares que ajudam na curimba ou ainda segurando alguém que poderia cair.



Bibliografia

BROWN, D. Uma História da Umbanda no Rio: Umbanda e Política: 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

CUMINO, A. Umbanda e o sentido da Vida. 1ªEd. São Paulo: Madras, 2018.

RACHID, J. A força mágica da mediunidade na Umbanda. 3ªEd. São Paulo: Empresa Jornalística Aruanda Ltda., 1985.

MATTOS, S. da C. O livro básico dos Ogãs. 2ª ed. – São Paulo: Ícone, 2011.

Dicio. Sobrenatural. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sobrenatural/>. Acesso em: 02 mai 2021.

Brasil Escola. Sinapse. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-sinapse.htm>. Acesso em: 02 mai 2021.

Perdido em Pesamentos. Desenvolvimento do Médiun. Disponível em: <https://perdido.co/2016/01/a-coroa-mediunica-entendendo-o-desenvolvimento-do-medium/>. Acesso em: 02 mai 2021.

Ginástica do Cérebro. Sinapses. Disponível em: <https://ginasticadocerebro.com.br/o-que-sao-sinapses/#:~:text=As%20sinapses%20fazem%20parte%20do,e%20desses%20neur%C3%B4nios%20aos%20m%C3%BAsculos..> Acesso em: 02 mai 2021.

Umbanda EAD. Animismo. Disponível em: <https://umbandaead.blog.br/2017/09/07/animismo-umbanda/>. Acesso em: 02 mai 2021.

Umbanda EAD. Misticismo. Disponível em: <https://umbandaead.blog.br/2016/03/17/o-que-e-a-mistificacao-na-umbanda/>. Acesso em: 02 mai 2021.